



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS, HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS BRASILEIRAS – LICENCIATURA

SANDRA DE SOUZA SANTOS

GRANDE SERTANEJO: OS DESCAMINHOS DA CAATINGA E
SEUS REFLEXOS DE FIDELIDADE, BRAVURA E RESISTÊNCIA

Conceição do Coité
2012

SANDRA DE SOUZA SANTOS

GRANDE SERTANEJO: OS DESCAMINHOS DA CAATINGA E SEUS REFLEXOS DE FIDELIDADE, BRAVURA E RESISTÊNCIA

Monografia apresentada ao Curso de Letras, com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas – Licenciaturas, do Departamento de Educação Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte do processo avaliativo para obtenção do grau de Licenciada(o) em Letras Vernáculas.

Orientador: Prof^o. Ms. José Plínio de Oliveira

Co-orientador(a)- Prof^a. Ms. Eugênia Mateus de Souza

Conceição do Coité
2012

SANDRA DE SOUZA SANTOS

GRANDE SERTANEJO: OS DESCAMINHOS DA CAATINGA E SEUS REFLEXOS DE FIDELIDADE, BRAVURA E RESISTÊNCIA

Monografia apresentada ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas - Licenciatura, do Departamento de Educação – *Campus XIV* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte do processo avaliativo para obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV
Assinatura:

Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV
Assinatura:

Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV
Assinatura:

A todos os sertanejos deste país; em especial a
memória do meu pai, presente nas lembranças.
E a pessoa mais importante da minha vida:
minha amada MÃE.

AGRADECIMENTOS

*Devemos ser grato a Deus pelos pequenos detalhes.
Nos detalhes descobrimos o valor de uma realidade.
Olhar as miudezas da vida faz a diferença.*

Padre Fábio de Melo

Minha eterna gratidão e reconhecimento às pessoas cuja contribuição tornou-se decisiva para a realização desse trabalho.

A Deus, primeiramente pelo dom da vida, por te me dado força nesta caminhada e estar sempre à frente dos meus caminhos, pela graça de me permitir a conclusão do curso com saúde e coragem para atingir os objetivos para os quais me propus.

Aos meus pais, Edelzuita e José (*In memorian*), por me dar a vida e me ensinar a vivê-la com dignidade, por serem inspiração e exemplo de pessoas de caráter. Pelo incentivo, compreensão e carinho, durante esta trajetória, apoiando-me de todas as maneiras possíveis. Aguentaram minhas ansiedades, desesperos, mas também os momentos de alegria e orgulho a cada etapa vencida; enfim, por me ouvirem mesmo sem pertencer ao contexto acadêmico, acreditando em mim. AMO VOCÊS!

Aos meus irmãos por estarem sempre ao meu lado e não medir esforços para a realização do meu sonho. Obrigada a *Zequinha* por ser exemplo de caráter e bondade; a *Paulo* por me trazer a Paz; à *Creuza* por ser modelo de mulher forte e guerreira; a *Vadinho* por ser um alicerce de apoio sempre que necessário, a *Carlinhos* pela serenidade que sempre me transmitiu; a *Maurício* pelo apoio e alegria; a *João* pelo companheirismo e força essenciais à minha graduação; a *Nuca* pela amizade e cumplicidade, enfim, a minha irmã *Andréia* (*In memorian*) saudade imensa dos momentos compartilhados, obrigada por ter me ensinado a lutar pelos meus sonhos, mesmo quando parecia impossível. Sem vocês a jornada teria sido ainda mais longa.

Ao meu namorado Roni, pelo amor e companhia em todos os momentos, pela paciência e incentivo nos períodos difíceis, e também a minha sogra *Helena* pelo apoio constante e meu sogro *Bento* pelo carinho confortante.

A meus sobrinhos Janinne, Henrique, Jamile, Jéssica, Karol(filha), Paulo Jr., Carlos Jr., Andréa, Milenna, Lucas, Thaís, Miguel, Igor, Victória, Mateus, Igor e Amanda, obrigada pela dedicação e carinho dedicado a mim, Tia ama vocês!

Aos cunhadas(os) Rogério, Joseane, Maria Luiza, Elenilza, Renata, Thelma, Kelly, Gilmara, Érica e, principalmente, a Gicelia que me estimulou desde o vestibular e em todos os

momentos de que necessitei de um olhar amigo de um abraço aconchegante. Obrigada pela torcida.

A toda equipe de funcionários, aos mestres que constituem o curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual da Bahia, especialmente a Edite, Deijair, Nilzete e Bulcão pela direção, ajuda, dedicação e disponibilidade no decorrer da jornada!

Agradecimentos especiais aos meus orientadores. Primeiro, ao Professor José Plínio, sou grata pelas suas sugestões, conversas e incentivo que culminou na elaboração da pesquisa. Ainda agradeço-lhe a disponibilidade de ter cedido seu tempo, pelas orientações teóricas, sabedoria e paciência. Suas sugestões foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, obrigado por confiar em mim! Segundo, a Professora Eugênia Mateus, uma profissional admirável e competente por despertar em mim a vontade para pesquisar o tema da monografia, pelo empréstimo de livros, por ser exemplo de docente e respeitar minhas limitações. Foi uma honra aprender com a senhora!

Aos colegas da UNEB, nossos caminhos se cruzaram diante de um ideal comum. Agradecida por caminhar ao meu lado nesta jornada, compartilhar cada descoberta, desafio e conquista. Dividimos medos, incertezas e inseguranças... Mas somamos entusiasmo, força e alegrias... Sou grata em particular ao meu grupo (Melise, Sandra, Reijane, Sabrina, Ivanildo e Lhaise). Juntos, durante essa jornada, resistimos aos desafios, aos desânimos, à falta de tempo, e de paciência, enfim, à falta de rumo, porém por sermos *FORTES*; vencemos. Obrigada pela competência e afeto construídos durante as distintas reuniões. Vocês são ótimos. Contem comigo!

A todos meus amigos, os de hoje e os de sempre que me enriqueceram com sua torcida, conhecimentos e incentivo. Em especial a Melise, obrigada por ter tornado minha graduação mais leve e prazerosa, pelos momentos inesquecíveis, por estar ao meu lado desde início da graduação sem questionar para onde íamos!

Agradeço àqueles que confiaram em mim enquanto estudante, possibilitando a iniciação na docência, em especial a equipe PIBID. Sou grata a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento pessoal e profissional. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês!

O chão cru fez homens rijos e rígidos e retos.
Nada de amolecimento de alfombras. Antes
verticalidades de sol. Que mal vai nisso?
Homem e terra sem disjunção. Olha-se sempre
a terra isolada, sem lhe compreender o sentido
que ela empresta à sociedade que envolve.

Eurico Alves Boaventura

RESUMO

O homem sempre despertou o olhar do outro sobre o seu ser/agir. Dentro desta perspectiva, monta-se a proposta temática para o desenvolvimento da pesquisa: O Homem em *Os Sertões* – Retratos da Nação. Para construir o mapeamento das características desse homem e de suas marcas no contexto do sertão baiano foram lidos textos de teoria ou de revisão bibliográfica, a exemplo de Aguiar (1979); Antonil (2007); Aquino (2007); Bosi (2003); Bernucci (1995); Brait (1998); Galvão (1994); Llosa (2008); Macedo (1983); Montaigne (2000); Murari (2007); Sevcenko (2003); Barros (2001); Orlandi (2007). Nesse sentido, proponho analisar o comportamento do sertanejo diante de situações expostas e vividas no sertão baiano, e questionar a sociabilidade desses homens no convívio social, avaliando a importância da terra na vida do sertanejo. As relações estéticas, culturais e sociais existente entre o vaqueiro e o jagunço, formam pontos do estudo a fim de mostrar como o escritor, ao mesmo tempo em que constrói o mito da brasilidade sertaneja, demonstra a relação do homem com a natureza. A pesquisa produz uma análise da força, da psicologia e dos costumes sertanejo. Desse modo, o homem é produto do meio, da raça e do momento histórico e cultural. O sertanejo é a personificação do Sertão, portanto, todos os aspectos presente na narrativa com linguagem literária e apuro estético, confirmam as contribuições da obra *Os Sertões* para uma região incivilizada, e, principalmente para uma nova origem de interpretações do nordeste do Brasil.

Palavras-chave: Sertão. Literatura. Resistência. Homem. Guerra de Canudos.

ABSTRACT

The man always attracted the look of the other upon his self/acting. Within this perspective, it mounts a thematic proposal to the development of the research: The Man in *Os Sertões* – Portraits of the Nation. To build the mapping of this man's characteristics and his marks in context of the baiano wilderness it was read texts of theory or of bibliographic revision, to the examples of de Aguiar (1979); Antonil (2007); Aquino (2007); Bosi (2003); Bernucci (1995); Brait (1998); Galvão (1994); Llosa (2008); Macedo (1983); Montaigne (2000); Murari (2007); Sevchenko (2003); Barros (2001); Orlandi (2007). In this sense, it proposes itself to analyze the behavior of the sertanejo in front of situations exposed and lived in the baiano wilderness and questioning the sociability of these men in the social living together, evaluating the importance of the land in the sertanejo's life. The aesthetic, cultural and social relations existing between the cowboy and the jagunço were points of this study looking for to show how the writer, at the same time in which builds the myth of the sertaneja brasilidade, demonstrates the relation of the man with the nature. The research produces an analysis of the force, the psychology and of the sertanejo mores. In this way, the man is a product of the environment, the race and of the historical and cultural moment. The sertanejo is the personification of the Sertão, because of so, all his aspects present in the narrative of literary language and aesthetic plight confirm the contributions of *Os Sertões* to an uncivilized region and, mainly to a new origin of interpretations of the northeast of Brazil.

Keywords: Wilderness. Literature. Resistance. Man. War of Canudos.

SUMÁRIO

	ADENTRANDO O SERTÃO PARA RETRATAR O HOMEM E O LUGAR.....	11
1	RETRATO DE ANÚNCIO MODERNISTA DE SERTÃO.....	14
1.1	A perspectiva de sociedade pelo olhar do século XX.....	15
1.2	Uma viagem pelo sertão sob a ótica sulista.....	19
1.3	Terra e homem: o que os separa no sertão.....	22
2	A EDUCAÇÃO DOS ESPINHOS E DAS VEREDAS.....	26
2.1	Sertanejo e sociabilidade: o silêncio e a sapiência.....	27
2.2	Sertão e ser(tão) forte, a intermediação entre terra e homem na construção euclidiana.....	33
2.3	Entre espinhos e veredas a formação do homem forte e calado do sertão.....	37
3	O RETRATO ESTÉTICO E SOCIOCULTURAL DE VIDA EM OS SERTÕES.....	45
3.1	Terra e vida: os descaminhos de uma gente e de um lugar	46
3.2	Quem és tu? vaqueiro? jagunço sertanejo?.....	52
3.3	Ser(tão) bravo; guerreiro em canudos: a relação entre homens em estágio de guerra.....	58
	AINDA SEM IMAGEM DEFINIDA: AS LEITURAS INCONCLUSAS DO HOMEM DO SERTÃO.....	63
	REFERÊNCIAS	65

ADENTRANDO O SERTÃO PARA RETRATAR O HOMEM E O LUGAR

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja [...]. O sertão está em toda parte. (ROSA, 2006. p.7)

Literatura enquanto arte verbal associa-se ao processo de verossimilhança e cria a ponte entre fatos e vida humana pela mão da arte, sensível ao mundo que o rodeia. Esse poder imensurável desta arte agencia autor, obra e leitor para o jogo do prazer e da fruição, porque o faz para um novo sentido do real. O jogo do sentido se manifesta pela linguagem, escolhida e selecionada, para os efeitos estéticos e artísticos.

A manifestação literária se apossou de Euclides da Cunha, ao longo de sua escritura de *Os Sertões*. O autor pontua as divergências entre o interior do nordeste do país e os grandes centros civilizados, expõe com clareza e profundidade os detalhes sociais, políticos e culturais da maior Guerra da história do Brasil, ocorrida em Canudos na Bahia. Ao descrever Canudos, coloca em questão a sociedade brasileira, as formas de organização política e a precária capacidade dos governantes para gestar a sociedade. Relata ainda, os métodos republicanos recém-instaurados no Brasil, num período de grandes contradições para uma sociedade já oprimida. Euclides da Cunha consegue esse feito por ter sido uma testemunha ocular dos fatos da Guerra de Canudos.

Euclides da Cunha aprisiona-se pelo tópico literário e atinge, por meio da memória, o repertório da arte; resgata figuras e situações e as introduz no contexto de um discurso crítico e subjetivo. Sua escrita é transparente e realista¹; de um realismo positivista, pois retrata as ações sociais da época. É um realismo rico em historicidade, o que torna peculiar a sua escrita literária.

Como parte essencial da obra, o autor descreve a geografia de grande parte da região caracterizando-a, principalmente, pelo bioma caatinga, a mais peculiar afirmação do universo sertanejo, uma vegetação composta por uma flora que constrange à primeira vista, desértica e resistente, mas encantadora ao olhar sensível do sertão. A obra também se caracteriza pela presença do homem nesse meio, onde desenvolve as atividades de vaqueiro e jagunço.

Com o olhar voltado nesses aspectos narrativos, o trabalho se desenvolve acerca da temática: O Homem em *Os Sertões* – Retratos da Nação, baseada na obra de Euclides da

¹ Escrita que se caracteriza pela intenção de abordar com objetividade a realidade. Caracteriza-se também pelo interesse por temas sociais. Constitui-se de um engajamento ideológico que faz com que muitas vezes a forma e as situações descritas sejam exageradas para reforçar a denúncia social.

Cunha. A monografia intitula-se; *Grande sertanejo: os descaminhos da caatinga e seus reflexos de fidelidade, bravura e resistência*, para a partir da narrativa euclidiana, investigar as diversas características físicas, estéticas e culturais do sertanejo no contexto regional de Canudos.

Nesse contexto de Sertão, incidem culturas, indígena e negra, de raízes múltiplas. Desse modo, o autor esclarece a cultura brasileira sofrida pelo processo gestacional que afirma a existência de um povo em formação, de raiz brasileira, fruto do cruzamento de diversas etnias.

Em se tratando dos aspectos culturais mais relevantes do universo sertanejo, emerge a figura do escritor de *Os Sertões*, para estabelecer uma relação estético-cultural sobre os sertanejos bravos e resistentes que desvendaram os segredos das caatingas de Canudos.

De início, as leituras e organização do trabalho deram-se através do objetivo geral – Mapear as características do sertanejo e suas marcas no contexto do sertão baiano, considerando seus comportamentos, valores, sentimentos e crenças –, seguido dos específicos: elencar as características físicas e psicológicas do homem sertanejo; analisar seu comportamento diante de situações expostas e vividas no sertão baiano; questionar a sociabilidade desses homens no convívio social; avaliar a importância da terra na vida do sertanejo e abordar a relação estética, cultural e social existente entre o vaqueiro e o jagunço.

Com objetivo e temática definidos, busca-se uma metodologia. O modo mais hábil de construir conhecimentos a respeito do objeto de estudo abordado cientificamente é desenvolver a capacidade de observar, selecionar e organizar os fatos para a pesquisa, escrita e conclusão satisfatória. Nessa perspectiva, empreende-se uma investigação científica qualitativa de caráter bibliográfico, com base na leitura e na análise de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, literatura de cunho realista que trata também, de aspectos da cultura sertaneja. As pesquisas bibliográficas e análises críticas centraram-se em aspectos como o homem e o lugar e os agentes interferentes no ser, agir e reagir. Também rastreou-se a leitura do próprio autor, a sua investigação dos valores consistentes ao meio e do levantamento dos indicadores econômicos, culturais e identitários, na fonte original Aguiar². Somaram-se a esta leitura, outros textos teóricos ou de revisão bibliográfica a exemplo de Antonil (2007), Aquino (2007), Bosi (2003), Bernucci (1995), Brait (1998), Galvão (1994), Llosa (2008), Macedo (1983), Montaigne (2000), Murari (2007), Sevcenko (2003), Barros (2001), Orlandi (2007) dentre outros. Com as leituras compreendeu-se melhor a narrativa com objetivo de se respaldar a ideia do autor. A visita “*in loco*”, ao espaço histórico da guerra de Canudos,

² Na construção do clássico *Os Sertões*, o autor Euclides da Cunha utilizou a obra de Durval Vieira de Aguiar (1979), intitulada *Descrição Prática da Província da Bahia*, em sua pesquisa.

oportunizou a captação de impressões qualitativas da representatividade da cultura de resistência em um espaço remoto do sertão baiano.

A monografia organizou-se em três capítulos, cada um com três subdivisões para melhor realizar as escrituras sobre as averiguações e mapear os objetivos pré-definidos e atendê-lo em sua exigência investigativa.

O capítulo inicial, *Retrato de anúncio modernista de Sertão*, retrata a forma que o autor de *Os sertões*, utiliza sua obra composta por recursos literários para anunciar o momento de transição porque o país passava, as especificidades do Sertão e da Guerra de Canudos para o mundo. Há uma análise sobre a maneira que os sulistas viam o nordeste do Brasil, antes da Guerra de Canudos; o autor descreve o sertanejo e a natureza como partes fundamentais da obra, mostrando suas particularidades e sua fundamental relação para o desfecho da obra.

No segundo capítulo, *A educação dos espinhos e das veredas*, procura-se averiguar a maneira como o sertanejo vive na quietude da vida simples do sertão, demonstrando as dificuldades que esse varão enfrentava para viver em comunidade por meio do silêncio e da sabedoria, natural dele. Evidencia-se como a terra do Sertão intermedia na construção do homem sertanejo e confirma como ele enfrenta os espinhos e as veredas para se constituir forte e calado.

O Capítulo *O retrato estético e sociocultural de vida em Os Sertões* apresenta traços estético, social e cultural da sociedade sertaneja. Como o autor relata os conflitos e desordens ocorridos em Canudos e demarca os descaminhos de uma gente e de um lugar. Mostra ainda os tipos sertanejos, com ênfase para quem é o vaqueiro, e, como se configura o jagunço. Euclides da Cunha expõe com clareza como os homens do sertão se relacionam em meio à Guerra.

Todas as leituras de como o homem do sertão enfrenta os flagelos da terra, finalizaram-se com *Ainda sem imagem definida: as leituras inconclusas do homem do sertão*. Nesse ponto discorreremos sobre as diversas interpretações que a obra *Os sertões* provoca, sendo impossível dar por terminada alguma discussão, haja vista, a obra canônica estar sempre dizendo algo a mais ao leitor atento.

Com a narrativa estudada, o autor confirma o papel essencial da natureza e do sertanejo, no epílogo da história, através de sua relação recíproca. Com todas essas características, o autor Euclides da Cunha, na obra *Os Sertões*, envolve o estudioso na realidade social brasileira e enfatiza todos os aspectos do sertão baiano e, ainda, apresenta um panorama ao que leitor visualiza signos possíveis da construção de uma narrativa sobre uma realidade envolta em um mozaico de sua cultura.

1 RETRATO DE ANÚNCIO MODERNISTA DE SERTÃO

A obra realista *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, favorece o reconhecimento do sertão baiano na literatura brasileira e, ainda, as características culturais de tipos nordestinos. Os escritos de Cunha permitem ao leitor conhecer fatos históricos do sertão, através de uma construção peculiar. A obra euclidiana é considerada Pré-modernista, por denunciar a realidade brasileira e trazer, na sua estética, os valores naturalistas, a íntima relação com a realidade brasileira e as tensões vividas pela sociedade do período. O momento histórico brasileiro interferiu na produção literária, marcando a transição dos valores éticos do século XIX, para uma nova realidade que se desenhava na sociedade, no início do século XX.

O livro de Euclides fixa não só o conflito entre a hinterlândia e o litoral, conflito de culturas, choque de etnias. Fixa a crise de uma nação, crise na estrutura econômica e política de um país, e crise das diretrizes da ação social do brasileiro. Conflito de infra-estrutura dado na fragmentação vertebrária do Brasil (COUTINHO, 2004, p. 208):

Diante da abordagem feita pelo autor, vários estudos foram realizados, porém, um pequeno número enfatizou a questão do homem sertanejo nesse contexto cultural. O homem sertanejo sofre, ainda, inúmeros preconceitos físicos e morais que desconstruem sua imagem. Considerado fraco, de aparência desengonçada e postura abatida, é bravo, e destemido, o que respalda a ideia de que “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2010, p. 118).

A obra oferece uma ampla e inesgotável fonte de exploração, que permite compreender o contexto de inúmeras situações vividas pelo sertanejo. O acontecimento da história nacional gerou um relato literário e épico da dimensão de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, como oportunidade de estudar e conhecer o Brasil. Concentrou sua atenção em revelar o conflito entre o litoral brasileiro, urbano, pré-industrial, europeizado, predominantemente branco e racionalista, e os conceitos que tinham sobre o sertão mestiço, povoado por sertanejos miseráveis e sujeitos às influências do fanatismo religioso, mostrando, assim, a imbricada relação do Homem com a Terra. *Os Sertões* é uma obra de arte literária, que perdura nos tempos por ser geográfico e racial, por possuir um linguajar popular e com expressões científicas.

1.1 A perspectiva de sociedade pelo olhar do início do século XX

O começo do século XX foi um período acelerado de crescimento econômico e cultural, de progresso técnico-científico e desenvolvimento social de todas as classes, no sentido das representações. Nessa época, surgiram tendências de globalização das economias, aumento da competitividade e uma nova onda liberal, apoiada pela inovação tecnológica, que, por um lado, contribuiu para a manifestação de velhos problemas sociais e, por outro, trouxe novas questões sociais, como a desigualdade na sociedade contemporânea.

No trânsito final do século XIX para o XX, as teorias científicas adotaram as análises determinista e evolucionista para atribuir à ação do tempo, aos fatores étnicos e climáticos a responsabilidade no desenvolvimento ou atraso dos lugares e povos, nesse caso, Canudos e os sertanejos. No Brasil desacreditado, existia uma idéia de atraso, pessimismo e fatalismo em relação a toda nação. “Fatalismo diante de algo que não poderia ser evitado e pessimismo com relação às possibilidades do Brasil diante do progresso da humanidade” (NAXARA, 1998, p. 41). Assim, para muitos, o Brasil não existia como nação, mas como estado, de modo que os intelectuais da época, como Euclides da Cunha, procuraram entender os problemas da sociedade brasileira, por acreditar que uma nação se constitui por grupos étnicos homogêneos, que reconhecem sua identidade.

Os acontecimentos do início do século XX estavam longe de ser lineares e homogêneos, já que era uma época cheia de vulnerabilidade e injustiças sociais. Assim, o autor Euclides da Cunha publica, em 1902, a obra *Os Sertões*, retratando com precisão antropológica e sociológica o sertanejo, envolvido na campanha de Canudos. O autor narra a sociedade ora histórico-geográfica, ora literária, assumindo uma postura diante dos acontecimentos históricos e culturais, com capacidade analítica, precisão, leveza e compromisso, e faz uma análise crítica diante das mazelas sócio-culturais brasileiras.

Os Sertões fazem parte do movimento pré-modernista, momento de transição entre o Simbolismo, Parnasianismo e o Modernismo. Esse período literário foi uma ocasião que antecedeu à realização de Semana de Arte Moderna e que se estendeu de 1902 a 1922. Nessa época, havia preocupação de denunciar a realidade brasileira, a partir do sertão nordestino, até os subúrbios cariocas. A primeira obra que negou o Brasil idealizado pelos autores românticos foi *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, já que, denuncia a realidade brasileira, narra o regionalismo, os tipos humanos marginalizados e a ligação dos aspectos políticos, econômicos e sociais contemporâneos, que ocasionaram a ruptura com o passado. Nesse período era perceptível certa influência de movimentos anteriores. A obra foi a primeira grande

representante do provincianismo na Literatura Brasileira; com uma visão imperativa, o autor descreve dois brasis, o litorâneo europeizado, civilizado e o sertão esquecido e isolado. As décadas iniciais do século XX prolongaram o período parnasiano do século anterior e trouxeram sujeitos liberais que mantinham uma postura socialista.

Já o engenheiro EUCLIDES DA CUNHA deteve o olhar na matéria e nos determinismos raciais que o século dezenove lhe ensinara aceitar sem esforço aturado de colher o real, emergiu a outra face da nação: a face trágica que contemplamos em *Os Sertões* (BOSI, s.d. p. 121).

Com interpretação significativa e renovadora, Euclides da Cunha apresenta características próprias e a realidade brasileira em sua descrição, com uma linguagem científica e erudita, associa suas personalidades mais incisiva aos fatos políticos, econômicos e sociais diante das distintas fatalidades que ocorriam com o homem heróico que resistia ao drama do seu próprio destino. A ideologia euclidiana aproxima-se politicamente do socialismo democrático, pois difunde a personalidade humana e/ou caráter brasileiro, em uma gradação que oscila entre o opressivo e o trágico. A fase pré-modernista acumulou distintos representantes com características diversas, porém, com um mesmo ideário. Euclides da Cunha, em sua narrativa, aborda os conflitos violentos e extremos, de forma objetiva relata o meio, o homem sertanejo e a guerra sangrenta.

As produções literárias dessa época sofreram influência das modificações dos valores estéticos e estilísticos do século XIX, marcados pelas mudanças também ocorridas no país. Na sociedade brasileira, dos primeiros anos do século XX, existia uma parte de escritores engajados com as questões sociais e políticas, de modo que surgiu a corrente ufanista, defendendo que a nação deveria ser pensada como broto das condições naturais da terra.

Euclides da Cunha, de maneira clara e didática, descreveu a desordem da pátria com desconfiança, relata o cotidiano de forma intensa, demonstra ao leitor a situação nefasta da vida social e cultural da sociedade brasileira. Assim, começa por partes dos brasileiros e estrangeiros, comparações com outras repúblicas. Os estrangeiros causam uma oscilação e precipitação nos negócios e movimento das fortunas no Brasil com a penetração do capital estrangeiro, em vários setores da sociedade, surgindo o retrocesso diante das demandas dos novos tempos. A partir desse momento, surgia a oposição: de um lado, cidades industrializadas e, do outro, um campo indolente, como era perceptível nas obras Euclidianas.

É nesse momento que se registra na consciência intelectual a idéia do desmembramento da comunidade brasileira em duas sociedades

antagônicas e dessintonizadas, devendo uma inevitavelmente prevalecer sobre a outra, ou encontrarem um ponto de ajustamento (SEVCENKO, 2005, p. 45).

Com intuito de modelar a sociedade através de critérios sociais, alguns comportamentos tradicionais da sociedade foram desviados, diante dos novos parâmetros, como a serenata e a boemia, costumes típicos das classes populares que incomodavam o regime ditador da época, e toda forma de cultura e religiosidade populares. Nesse período, surgiram diversos incômodos no âmbito sócio-cultural que uma sociedade mal organizada pode oferecer. Na busca pelo reajustamento social, o aparecimento republicano foi caracterizado por diversas crises políticas, como consequência houve uma onda de degola, exílios, deportações, dentre outras, que apreende a elite do império, assim, nesse período espalhavam-se por toda parte bandidos, prostitutas, asilos, alcoólatras, dentre outros, causando nas camadas populares um sentimento das autoridades oficiais com a população humilde. “De fato, apesar do crescimento econômico global no Brasil, a participação social no sistema produtivo e na absorção dos recursos gerados era muito limitado” (SEVCENKO, 2005, p. 70).

Em geral, a participação social nas atividades políticas e econômicas era muito restrita. As elites urbanas favorecidas formavam um sistema oligárquico, monopolizando os postos diretivos e as atividades de maior lucratividade. As oportunidades oferecidas pelo sistema originava uma ampla concorrência nas camadas urbanizadas, provocando o comportamento preconceituoso e discriminatório para com a população interiorana do país e sua classe social baixa. Assim, com o domínio do estado pelas elites, surgia o paternalismo, o nepotismo, o coronelismo, o voto de cabresto, dentre outros, e toda forma de subordinação e dependência pessoal em toda sociedade brasileira. Euclides da Cunha objetivava construir uma nação mais humana através de suas palavras, já que acreditava que era a única forma possível do progresso material iniciado no século XIX, permanecer e prolongar-se no século XX. Acreditava-se, portanto, no fim da civilização e na harmonia entre os povos. Solucionar as questões sociais era primordial para o avanço e desenvolvimento da nação brasileira, já que, uma sociedade oprimida e estancada não desenvolveria outros aspectos essenciais como a economia e política. Naquela época, a nação brasileira precisava buscar condições que desenvolvessem a sociedade; só assim estaria apta a lutar em regime de equiparação universal com outras províncias, uma vez que, era uma questão de decência nacional e sobrevivência. A organização e desenvolvimento cultural eram imprescindíveis para que o Brasil não se sentisse advertido pelo imperialismo europeu e norte-americano. Fatos retratados por alguns

autores, em suas obras com cuidados estilísticos e literários, como meio de denunciar as mazelas da época.

Euclides da Cunha, assim como Lima Barreto, utilizava a literatura como instrumento para anunciar e detalhar o que via e sentia da sociedade. Ambos opuseram-se à sua época, discordaram dos padrões da sociedade, construíram sua obra em dissonância com tudo que caracterizava o meio e até os humanos que lá viviam. *Os Sertões*, enquanto obra, “Era, foi, é, “livro escrito para a alma ardente de um povo inquieto” (COUTINHO, 2004, p. 205).

A sociedade brasileira do século XIX sofreu bastantes transformações referentes a mudanças de conduta de hábitos e de personalidade. A nação presenciou não só as oposições senhor/escravo que a estruturam, mas as divergências e as dependências que configuram as suas práticas culturais, aspectos fundamentais para compreensão dos fatos históricos da época. A obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, é considerada uma representação literária carregada de perspectiva social e histórica do século XIX, já que, registra as particularidades formais, modos, estilos, e símbolos, diferenciados e/ou entrelaçados aos modos sociais e históricos que constituem a nação da época. Esses aspectos não revelam só a realidade, mas, a virtualidade da linguagem, e seus objetivos representam o sertão com suas fortes características físicas, sexuais, mentais, estéticas, culturais e sociais. Assim, Euclides da Cunha produz uma narrativa cheia de detalhes: os encantos da natureza e/ou atribulações de um meio adverso, o homem trabalhador e honesto e a guerra cruel, conjeturando esperanças através do contato direto com as condições sociais da sociedade sertaneja, com intuito de superar o formalismo da I República. Ao contrário de outros escritores brasileiros da mesma época, Euclides da Cunha acreditava nas potencialidades da sociedade sertaneja, no desenvolvimento do sertão e de seus estereótipos.

Através da literatura de representação, contudo o autor mostra a sociedade sertaneja, como pessoas inferiores, incapazes de lutar e conseguir seus ideais de libertação. A literatura que representa uma sociedade tem como característica preencher os vazios da história oficial, trazendo, no texto, diferentes fatos revestidos pelo simbolismo e significação. Essas são fortes marcas de *Os Sertões* que têm o poder de transformar o discurso e o pensamento em circulação na sociedade, através de um texto literário e canônico, e expressa uma linguagem simbólica e imagética. O autor diz o que não pode ser dito. Sua narrativa com realismo traz questionamentos acerca de uma sociedade na busca da reconstrução identitária e da edificação da consciência histórica do povo sertanejo.

1.2 Uma viagem descritiva pelo sertão sob a ótica sulista

Percebe-se nas páginas de *Os Sertões* que todos os que foram relatar a guerra de Canudos tinham uma crise de consciência. Quando o leitor se debruça sobre a obra e/ou outras reportagens de jornais da época, vê ou, ao menos, observa que a maioria dos jornalistas e civis saíram do Sul, alguns do Amazonas mas, enfim, todo mundo saiu de onde estava e foi se reunir em Canudos, já sabendo o que devia pensar. “Os correspondentes já sabiam o que informar quando foram para Canudos” (GALVÃO, 1994, p. 117). Os jornalistas não podiam ofender o exército, nem o regime republicano. A priori, tinham o intuito de, através das notícias, dar visibilidade aos sertanejos como inimigos e tornar o exército um grande herói. Todos que foram para Canudos eram contra os sertanejos, considerados fanáticos, atrasados, supersticiosos, monarquistas, tudo que, no Brasil da época, a República queria abolir. “Porém Euclides, [...] não se atirava de corpo inteiro neste mar de informações. Seu ceticismo quanto aos jornais e a sua forte intuição o faziam recuar diante dos exageros e ilogicidade das matérias” (BERNUCCI, 1995, p. 59). O autor, além de tudo que aprendeu na Escola Militar – Zoologia, Botânica, Constituição Brasileira, Balística, dentre outros, tinha sido jornalista e entendia das leis vigentes na época. Antes de seguir viagem, verificou as notícias, carregadas de imprecisões, incoerências e informações que levantavam suspeitas. Euclides da Cunha foi enviado à frente de batalha como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* para escrever uma série de reportagens e preparar um livro sobre a guerra – *Os Sertões*.

O escritor sai do Planalto Central, em direção ao nordeste, e chega à Bahia, observando cada parte do trajeto; e fica impressionado com a amplitude, variedade da fauna e da flora e extensão da terra. Logo no primeiro capítulo, o autor traz à tona as representações da geografia brasileira; levando em conta a tradição e seus estudos sobre o tema, descreve a análise da representação geográfica e da nacionalidade. Logo se depara com a desigualdade entre as raças, e as noções de superioridade e inferioridade racial, acreditando ser um elemento explicativo de processos de mudança histórica e de formação de caráter nacional. Segundo Murari (2007, p.49), “No início de sua narrativa *Os Sertões Campanha de Canudos*, Euclides da Cunha traçou um itinerário que busca desenhar, em poucas páginas, a imagem de uma grandiosa natureza brasileira”. Logo, percebe-se a admiração perene e intensa do autor pela natureza, visível, pois, a altivez da nacionalidade.

O capitão reformado se assusta com a falta de tantos elementos simples, que era prescindível para a estada em terras sertanejas. Em Canudos, tudo era diferente do Sul do país. Os aspectos físicos, econômicos, culturais e sociais eram muito divergentes, a inferioridade e a falta de objetos era alarmante, a condição de vida ali, para os sulistas acostumados com a corte, era quase insuportável. Faltava até mesmo água para o banho.

Nessa região da Bahia, há muita seca e muitos latifundiários que tomavam as terras dos pequenos proprietários provocava desemprego em todos os confins.

No ascender do verão acentua-se o desequilíbrio. – Crescem a um tempo as máximas e as mínimas, até que no fastígio das secas transcorram as horas num intermitir inatural dos dias queimados e noites enregeladas. A terra desnuda tendo contrapostas, em permanente conflito, as capacidades emissivas e absorventes dos materiais que a formam, do mesmo passo armazena os ardores das soalheiras e deles se esgota, de improviso (CUNHA, 2010, p. 37).

A descrição da terra dá-se através do formato que remete aos relatos comuns de viagens. Com intuito de relatar sua viagem pelo sertão do Brasil, Euclides da Cunha se utiliza de uma narrativa peculiar para retratar uma paisagem congelada, estranha e estrangeira, na sua descrição e composta de subjetivismo e de estranhamento, mesmo quando deseja só cientificar, o autor buscava o conhecimento e o reconhecimento do território nacional, interpretando suas próprias experiências como, por exemplo, a emoção de ficar, frente a frente com o magnífico cenário da natureza caatingueira, que constitui o sertão da Bahia, contribui para a forma da narrativa, para manutenção da verdade e confiabilidade da escrita.

Quanto mais o autor se aproxima do sertão, mais estarecido fica por encontrar uma terra selvagem desconhecida por todos os mapas. Fez, pois, um relato detalhado da região; sua geologia, seu clima, seu relevo e, principalmente, os tipos humanos, o homem sertanejo. Assim anuncia Cunha (2010, p. 24): “É uma paragem impressionadora. As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos”. Por ser cartógrafo, Euclides da Cunha, em sua narrativa literária, constrói linhas geográficas, esboça os rios e elabora legenda de um mapa imaginário do sertão, com intuito de tornar aquela região desconhecida, visível a todos, criando um modo de representação que estabelecia relação entre ciência e ação, a partir do esboço das formas do território, comprovando que os sertanejos não eram culpados como criminosos, mas produto inevitável de um conjunto de fatores geográficos, raciais e históricos.

O autor encontrou muitas dificuldades para saber informações simples sobre o lugar, já que, naquela época poucos tinham o interesse de conhecer e valorizar o território, o homem e a história do país. E o sertão é um vale fértil. “É um pomar vastíssimo, *sem dono*”. (CUNHA, 2010, p. 60). A marca da negatividade, do isolamento, desconhecido, é muito presente nas primeiras descrições de Euclides da Cunha, pois, descreve uma região esquecida pela história e pela civilização, apesar da grandiosa natureza receptiva ao homem sertanejo. Passeou, anotou e decepcionou-se com o aspecto daquela povoação estranha, cujas ruas eram substituídas por becos estreitíssimos. As casas se acumulavam em absoluta desordem, como se tudo aquilo tivesse sido construído aleatoriamente. Criticou a ausência de linha reta e de planejamento no traçado de Canudos. Assustou-se ainda com o interior miserável dos casebres escuros, sem ar e com pouca mobília. Atacou a desordem social e a corrupção de costumes no arraial. O início das atividades de repórter do autor acontece de forma peculiar, já que, assinalava fatos genéricos sobre a história das cidades e dos sertanejos, retratava a paisagem, os hábitos e a linguagem local.

Euclides da Cunha, ao chegar ao vilarejo, encontra a comunidade sob a direção espiritual de Antônio Conselheiro, um sertanejo letrado, monarquista, cheio de crenças religiosas e messiânico. Para todos os sulistas, assim como, para o autor/jornalista, a revolta liderada por Antônio Conselheiro; era um enfoque monarquista. Civis, assim como políticos e a população da região Sul do país, acreditavam que o Brasil de Antônio Conselheiro era um país inimigo; desse modo, era necessário ser invadido, devastado e extinto. “O civil que começou a reparar esse erro doloroso foi Euclides da Cunha” (SUASSUNA *apud* FERNANDES, 2002, p. 21). O escritor, assim como todos que chegavam no Sertão baiano, via-se ofuscado pelo Brasil de Antônio Conselheiro e seus seguidores. Com intuição apurada de escritor, de gênio, e seu caráter de homem do bem, contribuiu para que o autor imediatamente olhasse os sertanejos com outros olhos. Essa certeza mudou quando Euclides da Cunha pisou em solo baiano, tudo o que via era recente e espantoso demais, fato que o instigou a ter coragem e denunciar todas as práticas que ocorriam na região, já que entendeu o drama de Canudos em toda a sua extensão e o porquê daquela rebelião; percebeu que não era apenas uma luta por um sistema de governo, mas contra uma estrutura que se arrastava por séculos.

Para os sulistas, os sertanejos eram indivíduos com desenvolvimento intelectual inferior, comparados aos sulistas. Para eles, os sertanejos eram povos ignorantes, avessos à barbaridade e às injustiças. Portanto, com intuito de mudar essa ideia, o autor carrega sua obra de conteúdos históricos, acreditando poder influenciar e deixar-se influir no destino da

sociedade sertaneja, baiana e, contudo, brasileira, através da postura crítica, epidérmica e estrutural, por meio dos temas, dos personagens, dos cenários e dos aspectos significativos que conferem validade intelectual à obra.

Ao decifrar a caatinga e a floresta e resgatar o sertanejo do esquecimento o narrador-viajante os insere na história. No relato de viagem ou no ensaio histórico, na notação literária e científica, a natureza se reconverte em livro, imagem inscrita no seu cerne ou essência (VENTURA, 2003. p. 247).

A viagem de Cunha ao sertão é uma viagem de regresso no tempo, para tornar conhecida a identidade de um povo, de um lugar, através da linguagem e da percepção de um sulista que mudou suas concepções ao conhecer, de fato, o que é o sertão, e explicar a real sociedade sertaneja, sua natureza e seu homem – narrando os fatos da guerra. Criticou os planos militares, o comportamento desordenado dos soldados nacionais e a ideia corrente na época de que os conselheiristas lutavam pela restauração do Império, contribuindo na construção cultural do sertão, tornando-o um espaço enigmático com vários significados.

1.3 Terra e homem: o que os separa no sertão

Euclides da Cunha reproduz as cenas da natureza e do viver social na sua expressão peculiar. Não por acaso, inicia sua obra *Os Sertões* com duas subdivisões intituladas “A Terra” e “O Homem”. Mais do que somente registrar a Guerra de Canudos, o autor realiza um estudo e análise da realidade física e geográfica que envolve a região. A partir daí, desempenha uma extenuante narração geológica, geográfica e climática do sertão, revela a principal calamidade do sertão: a seca. Assim, exerce uma descrição antropológica dos diversos aspectos da vida do homem sertanejo. O autor faz uma análise da psicologia do sertanejo, do trabalho, da religião e dos costumes. A obra parte do local onde esses sujeitos estão inseridos para compreendê-los e, por conseguinte, compreender o momento histórico vivenciado pelos sujeitos em seu local.

Encantado com a imensidão territorial do país e pela existência de gigantescos vazios, Euclides da Cunha voltou sua atenção para o sertão. A competência no desenvolvimento da obra aparece como condição fundamental para o seu sucesso. Com a correta interpretação dos tempos e a descrição do sertanejo, descreve a natureza física, dando ênfase a seus aspectos e particularidade. No enredo, utiliza a arte da escrita para revelar o naturalismo e a consistência dos aspectos físico e social de Canudos.

A visão biológica dos ciclos vitais da flora estende seu poder sobre a compreensão histórica de formas culturais, bem como sobre as vidas que as suportam e expressam. “Esquecemo-nos, todavia, de um agente geológico notável – o homem. Este de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós [...] (CUNHA, 2010, p. 62).

A imagem do homem sertanejo desertificada transforma-o no lugar das provações e sofrimentos mais profundos. “O martírio do homem ali é o reflexo da tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da Terra [...]” (CUNHA, 2010, p. 70). As dificuldades sofridas pelos homens, em meio à natureza, geraram condições para que, sob o sol sertanejo, se forjasse uma gente original que passou a expressar a alma nacional. E, portanto, além de ter gerado o primeiro brasileiro, gerou um ente quase sobrenatural, um varão sublime.

O sertanejo é um mestiço que, devido ao atavismo e ao isolamento geográfico, torna-se uma figura com cultura pura, criada e construída dentro dos limites do sertão, demonstra apego a terra que lhe acolhe:

A terra atrai irresistivelmente o homem, arrebatando-o na própria correnteza dos rios que, do Iguaçu ao Tietê, traçando originalíssima rede hidrográfica, correm da costa para os sertões, como se nascessem nos mares e canalizassem as suas energias eternas para os recessos das matas opulentas. Rasgam facilmente aqueles estratos em traçados uniformes [...] (CUNHA, 2010, p. 14).

O homem é extremamente apegado a sua terra, mesmo tão infértil. Por causa desse apego, o sertanejo assume características semelhantes às do sertão. Em Canudos, Euclides da Cunha descobre, na paisagem e no homem, valores éticos, culturais e sociais, que vão além do adequado e do inconveniente da gramática e da ciência. A seca faz parte da vegetação de caatinga e da vida dos habitantes da região, o sertanejo, que, sem temê-la, munido de fé, perspectiva e serenidade, enfrenta-a.

A caatinga, espaço onde vive o vaqueiro, faz referência às situações vividas por ele e pelos homens nordestinos abordados nos escritos de Euclides da Cunha. O espaço físico condiciona o desenvolvimento de suas atividades, ações e movimentos, sendo, portanto, essencial para a desenvoltura e resistência do homem no período da guerra.

Vivendo na caatinga, um ambiente castigado pela escassez de chuvas e aridez, o sertanejo é um bravo homem da terra. “Mas o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora. É um complemento à sua tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos” (CUNHA, 2010, p. 137). Poucas civilizações no mundo conseguiriam alcançar o feito dessa

gente corajosa. Ele sobrevive porque é uma raça forte. Assim como o cacto mais resistente, o sertanejo foi feito para o sertão.

[...] Raça forte e antiga, de caracteres definido e imutável mesmo nas maiores crises quando a roupa de couro do vaqueiro se faz a armadura flexível do jagunço — oriunda de elementos convergentes de todos os pontos, porém diversa das demais deste país, ela é inegavelmente um expressivo exemplo do quanto importam as reações do meio (CUNHA, 2010, p. 105-106).

A compreensão do fenômeno da personalidade do sertanejo se expressa na função das possibilidades de surgimento de uma raça diferenciada das demais que, através do embate com o meio, fez-se forte, contrariando as teses raciais vigentes. A cultura sertaneja emerge da representação da terra, fonte redescoberta de toda verdade e de todo renascimento, já que aos grandes ritmos da natureza, assegura-lhe as condições de uma vida autêntica. O sertanejo é um homem do campo, que conhece a exata medida do tempo, do qual cada gesto comporta uma plenitude de significação, e sabe, por instinto, o que pertence ao domínio das realidades essenciais.

E, nessa perspectiva, *Os Sertões* se apresentam como um dos textos mais emblemáticos da história/estória do Brasil e da Bahia. Euclides da Cunha (2010), em suas abordagens, decifra a caatinga e resgata o sertanejo do esquecimento, ao passo que o apresenta para o mundo. A natureza diversa da caatinga, constituída de uma vegetação xerófila³; aparenta estar morta, mas, está viva e acomodada ao seu meio ambiente. “[...] a caatinga se mexe e, em segundos os jagunços desaparecem no meio da favela” (LLOSA, 2008, p. 334). Tal afirmação demonstra a intimidade e a facilidade do homem com seu habitat, de maneira que lhe permite desvendar seus mistérios e conhecer seus encantos, apesar da travessia exaustiva. “A terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto ferosíssimo; arrebatá-o, afinal irresistivelmente, na correnteza dos rios” (CUNHA, 2010, p. 90).

As caatingas de Canudos formam o principal elemento de defesa do homem contra eventuais agressões dos inimigos. Em se falando de caatinga e das leituras sobre a obra canônica *Os Sertões*, podemos imaginar que a luta poderia não ter acontecido em Canudos, podendo ser efetivada em qualquer outra região do país; embora, a caatinga de Canudos,

³ Uma vegetação adaptada às condições da seca.

como local da guerra, reuniu uma série de elementos que o fizeram realidade⁴. Nessa perspectiva, pode-se concluir que as caatingas de Canudos foram o cenário ideal para o desenrolar da luta.

Na narrativa euclidiana, os tipos sertanejos são aclamados como heróis, já que, desejam sobreviver a toda e qualquer calamidade. “O sertanejo adivinha-se e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo” (CUNHA, 2010, p. 136). Assim, enfrentam a seca, movendo-se pelas veredas e estradas impossíveis, através de uma longa e interminável peregrinação. O sertanejo enfrenta a dor, leva o corpo ao extremo, limita sua vida às mínimas expressões, fundando, uma crença inabalável na sua força e na natureza.

Apesar de a obra-prima de Euclides da Cunha, ser dividida em três partes desiguais em extensão, nas funções e nos objetivos, existe entre elas uma evidente e reveladora relação, os temas e problemas pertinentes a cada uma das partes reaparecem reelaborados nas outras, configurando uma rede de implicações mútuas sem a qual a visão de conjunto da obra sai prejudicada.

Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam. O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica [...] (CUNHA, 2010, p. 50-51).

Portanto, só através do entendimento profundo sobre o sertanejo e a natureza, o leitor entenderá o intenso imbricamento entre “A Terra” e “O Homem”, e as peculiaridades da Guerra de Canudos, na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, já que existe entre ambas, uma relação de servidão mútua. Ao descrever o solo, a vegetação e o clima, mostra aos leitores, quem é o homem sertanejo, sua eminente ligação com a terra, e seu papel fundamental no desenrolar da guerra. Nesta produção, não há fragmentação entre “O Homem” e “A Terra”, ao contrário, o sertanejo e o solo estão em completa harmonia.

⁴ Um homem como detonador do movimento, uma população como fenômeno, uma geografia hostil, e um país em mutação.

2 A EDUCAÇÃO DOS ESPINHOS E DAS VEREDAS

A região de Canudos conhecida e descrita por Euclides da Cunha, é formada por uma comunidade ordeira e trabalhadora, ou seja, os sertanejos são fiéis, dedicados e corajosos. Eles vivem em seu meio com dignidade, calmos e solidários com os seus, vivem na quietude da existência simples do sertão. O homem sertanejo tem relevante importância na Guerra de Canudos, por ser o principal protagonista da guerra. O autor de *Os Sertões* destina um capítulo da obra a eles os sertanejos. A partir da descrição detalhada de suas características, narra e contextualiza a guerra de Canudos, incidida no sertão da Bahia:

Na descrição de Euclides da Cunha o contraste é o traço identificador do comportamento do sertanejo e “revela-se a todo momento, em todos os pormenores da vida sertaneja”. Além da integração do homem com a meio ambiente do sertão, talvez seja este contraste o ponto de partida para o exame de questões que possibilitem o conhecimento mais aprofundado acerca do comportamento desta parcela da sociedade brasileira [...]. (MONTENEGRO, 2008, p. 126).

O reconhecimento e admiração que Euclides da Cunha tem para com os sertanejos são reveladores, além de difundir em sua época as relações do Sertão com o sertanejo. Euclides descreve os sertanejos através de uma linguagem bem articulada e eloquente. Mostra a maneira como o sertanejo se socializa com o meio, a capacidade de transformar seus modos de vida e o papel determinante que o meio possui na construção do caráter do nordestino que desbrava o sertão. O homem que habita o Nordeste do Brasil carrega o silêncio nas palavras, hábito que faz parte da essência sertaneja; ele ouve mais do que fala, e assim evita desavenças e respeita a opinião alheia, é humilde e observador, dá valor às coisas simples. É no calar-se que o homem do sertão ouve o que realmente faz sentido, através do respeito ao próximo, sua pacificação social ocorre, por meio de suas lutas e conquistas, já que, entende que a vida e a natureza têm um ciclo natural, assim é necessário manter-se sereno e amante ao meio, mesmo nos piores momentos.

Euclides descreve o homem nordestino em sua essência seja no vaqueiro, no jagunço, em Antônio Conselheiro – líder da Guerra de Canudo, enfim todos possuíam

particularidades semelhantes, e tinham uma relação de servidão passional com o meio. O sertanejo sobrevive ao solo e ao clima adverso porque é robusto. “N’*Os Sertões*, Euclides também é um observador, mas não apenas se preocupa com a resistência, também a questiona, tentando entendê-la” (BORGES, 2002, p. 202).

O sertanejo é um povo guerreiro e forte, é uma sociedade que têm honra e religiosidade, agarra-se na à esperança para enfrentar as dificuldades. É o herói de si mesmo, tem que ser resistente e vencer as lutas diárias pela própria sobrevivência. “Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutáveis mesmo nas maiores crises [...]” (CUNHA, 2010, p. 105). O sertanejo é forte, já que resiste as meio geográfico, mas também por não ter absorvido a cultura externa devastadora dos seus valores. Por isso o sertanejo não sofre a decadência física e moral do mestiço do litoral. Na obra *Os Sertões* é possível, entretanto, perceber a origem do sertanejo, as distintas raças que o constituem, resultando em uma etnia mestiça e original, além da maneira que seu comportamento desenvolve-se no decorrer das eras, diante das adversidades físicas, morais, políticas e culturais a que são submetidos no cotidiano e, principalmente, no período da Guerra de Canudos.

2.1 Sertanejo e sociabilidade: o silêncio e a sapiência

O sertanejo é antes de tudo um paciente. Eu o perdôo. (Lispector, 1998, p.66)

Viver em comunidade para os sertanejos é transformar seu modo de vida tradicional. Eles têm dificuldades em construir uma relação dialética ampla com a sociedade, dita civilizada, porém sabem com quem dialogar de maneira silenciosa e, na maioria das vezes, só com gestos, o corpo fala. A vida dos sertanejos não possui grandes méritos convencionais, levam a vida sem luxo, mas nem por isso sentem culpa ou se preocupam se alguém vai reclamar, vivem a vida sem muita vaidade ou ostentação.

Os sertanejos vivem na sociedade a seu modo; tímidos e sábios, utilizam as palavras de maneira sucinta, falam pouco, e sabem ouvir quando necessário. Povos simples, que percebem a ligação das plantas, animais, pedras e pessoas e, juntos, constroem uma história e uma sabedoria dificilmente encontradas em outra região do país. O nordestino possui a habilidade de reformular a linguagem, que lhe é peculiar, pelo poder e força de suas expressões, contíguas ao seu cotidiano e à sua postura humana; os nordestinos não utilizam a linguagem de maneira aleatória, são sábios porque só a pronuncia quando realmente serão escutados para algo de importância, para quem diz e/ou ouve.

Manipulado, contudo pelas forças de opressão, o sertanejo perde a sua sociabilidade inata e vai se convertendo em vítimas do crime hediondo a serviço da politicagem provinciana e medíocre. Mas não se pode afirmar que este último estado seja uma característica do caráter sociável desse homem do sertão. O sertanejo só quebra a sociabilidade sob a força de um oculto, poder opaco.

Obrando sob as ordens de um oculto e covarde patrão, conhecem perfeitamente com quem bolem e de quem se vingam; e quando se tornam exigentes ou malvados de mais, são arditamente, por seus amos, entregues à força pública, se são criminosos, ou, em caso contrário, enviados traiçoeiramente, deste para outra melhor, pelos mesmos companheiros demais confiança do patrão (AGUIAR, 1979, p.167).

A sociabilidade do sertanejo é interrompida quando necessária, seus crimes ocorrem em virtude da ociosidade e da selvagem educação. Os sertanejos e sua terra, “Não podem prosperar, e conservam-se estacionárias, sem indústria, sem iniciativa, nem sociabilidade entre os respectivos moradores, que guardam uns para com os outros” (AGUIAR, 1979, p. 168). Os sertanejos são utilizados como instrumento dos partidos, e seus chefes os protegem, tirando deles a culpa do atraso das pequenas vilas, assim, após cumprir seus afazeres para os senhores, tornam-se trabalhadores naturais, cumprindo seu papel na sociedade, exercendo funções distintas, buscando constantemente ocupação e trabalho. Todos que andam ou visitam aquelas terras e respeitam as leis básicas da região têm livre acesso, podendo transitar com qualquer objeto de valor, como por exemplo; relógios e carteiras, sem nenhum receio em ser assaltado e/ou violentado.

Os registros servem para formar a imagem do sertanejo, com representante da sociedade vivida na época, condenados e execrados por essa mesma sociedade. As particularidades do sertão sempre incentivaram os artistas e poetas em suas narrativas, mostrando em seus escritos os contornos regionais, as dificuldades do nordestino em lidar com a falta de chuva e com o descaso dos governantes, além de demonstrar a forma que o sertanejo utiliza a linguagem, fato descrito por João Cabral de Melo Neto em seu poema *O sertanejo falando* (1989, p.10):

A fala do sertanejo engana:
as palavras dele vem, como rebuçadas
(palavras confeito, pílulas), na glâce
De uma entonação lisa, de adocicada.

Enquanto que sob ela, dura e endurece
 O caroço de pedra, a amêndoa pétria,
 dessa árvore pedrenta (o sertanejo)
 incapaz de não se expressar em pedra.

Daí porque o sertanejo fala pouco:
 as palavras de pedra ulceram a boca
 e no idioma pedra se fala dolorosa;
 o natural desse idioma fala à força.
 Daí porque ele fala devagar:
 tem de pegar as palavras com cuidado,
 confeitá-la na língua, rebuçá-las;
 pois toma tempo todo esse trabalho.

João Cabral de Melo Neto narra a linguagem do sertanejo com clareza e plasticidade, faz o uso enfático das palavras concretas para se referir a este homem e seus hábitos. Percebem-se as semelhanças do homem descrito no poema com o nordestino descrito por Euclides da Cunha na obra *Os Sertões*. Tanto em Melo quanto em Cunha, é possível discernir a realidade do povo nordestino através da fala do sertanejo, de modo mais amplo, menos visível a olhos comuns. Eles observam seus cotidianos, e, por meio de suas linguagens e de forma lúcida e real, dão visibilidade a situações concretas.

Os homens que habitam o nordeste nascem da pedra, ocorrência que reflete em sua linguagem, formada por fragmentos que transmitem uma mensagem fundamental para a comunicação específica dos nordestinos. O silêncio nas palavras transmite o próprio sertanejo e suas lutas e batalhas, que o afligiu profundamente. A pausa da linguagem demonstra a força e a dificuldade da vida sertaneja. Por esse motivo o sertanejo diz pouco, é vagaroso e sem pressa, já que, cuidadosamente as palavras são catadas, como se cata pedra nas pedreiras do sertão, logo após, selecionadas em um longo e custoso processo de transformação.

O autor de *Educação pela pedra*, tratando da palavra endurecida do homem sertanejo, ainda oferece ao leitor uma dimensão resistentes aos significados presentes na labuta daqueles homens da caatinga. O poema de João Cabral é essa dureza agreste, grotesca, plástica com que se realiza a língua utilizada pela Nação Caatingueira, mas também é um encontro com a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha na perspectiva de revelação dessa figura tão representativa do interior brasileiro.

As canções são compostas para demonstrar as relações socioculturais e as peculiaridades de uma nação. Os autores descrevem o conceito de sociedade através de suas composições. E algumas com seu teor e mensagem fantástica não passam despercebidas, assim os autores Dominginhos e Gilberto Gil (1992), compuseram a música *Lamento*

Sertanejo, como forma de expressar o sofrimento, a solidão e os costumes cultivados nas relações do cotidiano da vida sertaneja:

Por ser de lá do sertão
 Lá do cerrado
 Lá do interior do mato
 Da caatinga, do roçado
 Eu quase não saio

Eu quase não tenho amigo
 Eu quase que não consigo
 Ficar na cidade sem viver contrariado
 Por ser de lá

Na certa, por isso mesmo
 Não gosto de cama mole
 Não sei comer sem torresmo
 Eu quase não falo
 Eu quase não sei de nada

Sou como rês desgarrada
 Nessa multidão, boiada caminhando a esmo.

Na interpretação da música *Lamento Sertanejo*, o ritmo se sobrepõe à letra, e os significantes (ritmo e silêncio) são alongados, dando ainda mais ênfase à vida de silêncio e solidão do homem sertanejo. O silêncio que o sertanejo produz, serve como fio condutor da apresentação do sentido entre os entremeios das palavras. O silêncio e a solidão representam o entre território em que a vida se faz opaca, mas visível nos acordes da melodia. A música ressoa em toda parte a maneira que o sertanejo se socializa com o silêncio e faz desabrochar no coração de quem ouve a saudade que toca a alma dos que vivem no sertão, mas também dos que nunca foram lá. A canção descreve o personagem em 1ª pessoa e seu cotidiano, na luta por uma vida digna no sertão, mostra características da sociedade sertaneja, que sai do seu meio natural para viver na zona urbana em busca de melhor condição de subsistência, fugindo da seca e da fome. Porém, quando chega aos grandes centros não se adapta, já que, sente-se ainda mais solitário, abandonado e amedrontado.

O silêncio produzido, tanto no poema quanto na música, atravessa as palavras e indica que o sentido do que diz pode ser outro ou ainda que o mais importante não se diz. Há silêncio nas palavras, nesse processo há uma produção de sentidos que nos faz entender o não-dito, ou seja, na linguagem do sertanejo há várias saberes implícitos ou silenciados. “[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” (ORLANDI, 2007, p. 12). Desse modo, o

silêncio é fundamental para a relação necessária no discurso entre sentido e imaginário do falante, e também um elo entre língua e ideologia. Dessa forma, o silêncio do sertanejo é outro discurso, outra forma de dizer-se, dizendo o seu mundo concreto

O homem descrito por João Cabral de Melo Neto, Gilberto Gil e Dominginhos é o mesmo que Euclides da Cunha relata um sujeito solitário, sem amigos, que não gosta da vida na cidade, também podendo ser articulado com o personagem Fabiano da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. “Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava como os outros, mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas” (RAMOS, 1980, p. 76).

O sertanejo não se sente pertencente à comunidade urbana, já que é excluído da pátria brasileira, fato que o deixa ainda mais inibido, tímido e desconfiado. *Os Sertões* descrevem a forma de expressão, também, a falta dela, a subjetividade, os modos de ser, enfim, a forma que o sertanejo socializa-se. O varão é desconfiado, vive isolado um do outro, confia mais na natureza do que nos homens, não possui muitos amigos e prefere o sertão à cidade. Apesar das diversas andanças, a consciência sertaneja é solitária pelo uso do silêncio. O sertanejo anda muito e fala pouco. “E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande” (RAMOS, 1980, p. 9-10).

Na relação do sertanejo com suas formas discursivas, o silêncio é a essência: é por meio dela que se constrói o sentido sobre o meio social, cultural e político. A relação do sujeito com seu discurso é silenciosa, pois o sujeito oprimido limita alguns termos na sua alocação.

O silêncio dos sertanejos foi, durante muitos anos, a única resposta à condição de vencidos que lhes foi imposta. Hoje, os descendentes já não se envergonham de dizer que o avô foi jagunço. Não se trata de fazer o “resgate” do sertanejo como héroi, tecendo uma apologia pelos seus feitos trata-se, simplesmente, de entendê-lo dentro de determinado contexto histórico, destacando o sentido que tal compreensão tem para a historiografia (LOMBARDI, 2003, p. 239).

O sertanejo não apropria-se a qualquer tipo de linguagem de repente, ele pensa, analisa e se for pertinente produz a fala. “No ouvido do homem sertanejo está plantada a poesia dos sons. As palavras brotam da urgência no narrar” (REINALDO, 2005, p. 198). A sabedoria do sertanejo é sutil, suas argumentações são objetivas, quando fala não faz rodeio.

Os homens nordestinos têm conhecimento sobre diversos temas, como; agricultura, religião, plantas medicinais, climatologia, animais e, principalmente, as lutas socioculturais

de uma sociedade são totalmente conectados com ritmo da natureza e com o ciclo da vida. A sabedoria popular nordestina não desperta interesse na ciência, porém para ele não há problema, já que, o que importa é o conhecimento prático e verdadeiro, ele faz a leitura do mundo, a partir do conhecimento sem precisar utilizar as bases fundamentais da ciência. “Assim é que as secas aparecem sempre entre duas datas fixadas há muito pela prática dos sertanejos, de 12 de dezembro a 19 de março” (CUNHA, 2010, p. 44). O sertanejo é acostumado desde pequeno a respeitar a sabedoria dos mais velhos, que é formada através de suas próprias vivências. Assim, como os meteorologistas fazem previsões climatológicas, e os cientistas fazem os cálculos através de parâmetros tecnológicos o sertanejo dispõe de métodos próprios.

“A vivência e a sabedoria, próprias do sertanejo, identificam que a presença e o cantar de determinada ave representa um sinal que simboliza a ocorrência da chuva, ou da seca em determinadas circunstâncias” (SANTOS, 2004, p. 122). Ao longo do tempo, por meio de heranças experiências e observação do cotidiano, o sertanejo observa o céu, as nuvens e o comportamento dos animais e o cheiro do ar para fazer suas próprias projeções e previsões, para a chuva, o plantio, e a colheita, se o ano terá chuva ou será de seca, essas ações são acompanhadas de rezas e novenas. O sertanejo é um personagem numa paisagem inóspita, que merece toda admiração devida por suas lutas diárias, pela sobrevivência. Embora calado, de pouca formação educacional e informação gerais, o sertanejo é sábio, tem esperanças, acredita na natureza e tem vontade de viver na plenitude da palavra, e não simplesmente sobreviver. No silêncio, o homem estabelece o espaço da linguagem nesse discurso, o silêncio representa a opressão e a linguagem do oprimido resultante da resistência a uma linguagem ampla, isso ocorre, não só com os sertanejos, mas com os índios, quando discutem a reforma agrária, com os negros quando tratam de temas relacionados à escravidão e os preconceitos, e também com as mulheres diante dos homens machistas. Assim, o sertanejo significa as palavras, perante o mundo, a seu modo e interpretação, tornando cada discurso com sentido.

O silêncio é assim “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito (ORLANDI, 2007, p. 13).

Contudo, o sertanejo ao se ver em silêncio, diante de uma situação inevitável, rearranja-se, muda sua expressão, pensa, analisa, contempla e torna-se introspectivo, no contexto histórico-social. O homem precisa articular sua linguagem para dar sentido a sua

vida, assim utiliza a fala de forma moderada para preencher os vazios que a sociedade deixa. Desse modo, com sabedoria o sertanejo usa a linguagem intercalada com o silêncio, para descrever o mundo, a sociedade, as angústias e as interferências do meio na sucessão dos dias.

2.2 Sertão e ser(tão) forte: a intermediação entre terra e homem na construção euclidiana

O sertão descrito por Euclides da Cunha em “*Os Sertões*” estende-se por grande parte da Bahia, é composto por áreas dominadas pelo clima quente e seco que com temperaturas elevadas, constituem a seca do nordeste. A vegetação é composta predominantemente pela caatinga que junto ao agente natural, o homem, resiste às secas através de adaptações naturais. As estiagens prolongadas são comuns na região que dá ao sertão nordestino sua paisagem típica e exigem do homem muita coragem e habilidade para adaptar-se ao meio, mas, a expressão também pode ser usada para designar, mais especificamente, as regiões do interior do estado onde se agrupam cidades com maiores índices de desigualdade social do país e baixo indicadores de desenvolvimento social e econômico.

O sertão, esquecido pela civilização, aparece inicialmente como território imaginário, como metáfora áspera do mundo, porém, seu espaço geográfico movimenta uma sociedade, uma cultura e um tipo humano, o homem sertanejo. O agreste é formado por uma raça histórica, condenado à civilização e ao meio físico, de onde se originam. “O martírio do homem, ali, é o reflexo da tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida. Nasce do martírio secular da terra [...]” (CUNHA, 2010, p. 70).

Euclides percorre o espaço, utiliza-se de um tempo geográfico para retroceder e encontrar o homem sertanejo no tempo passado e, com isso, apropria-se dos fatos históricos que testemunharam e conferiram-lhes inteligibilidade e sentido. “Assim narra Euclides da Cunha a epopéia originária do cerne vigoroso da nossa nacionalidade, imagem que foi incorporada pela produção intelectual brasileira na forma de uma metaficção da figura do sertanejo” (MURARI, 2007, p. 125). Os textos Euclidianos não sofrem variações linguísticas, possuem o mesmo estilo altamente elaborado do começo ao fim. Euclides abdicou de toda ficção envolvente que lembrasse enredos tradicionais. Sua crença na natureza e no efeito positivo sobre o homem, somada à sólida erudição científico-positivista, conduzem-no à realização de um drama onde agentes naturais são os próprios personagens.

Na obra euclidiana, o sertão é visto como um deserto, por seu isolamento geográfico, e também por ser um território não explorado pela ciência. Em *Os Sertões*, é possível constatar que o sertão está fora da escrita histórica e da civilização; local da inversão de valores e da incultura. O autor, ao tentar introduzir o homem e a terra à história e à geografia, constrói bases sólidas para sua narrativa, desse modo, começa seus escritos pelo clima e vegetação que forma a geografia do espaço Nordestino, mostra a fisionomia original; a flora ativa, o clima impiedoso, as secas periódicas, o solo estéril no centro das imensas caatingas e sua relação com o homem.

Para compreender o sertão brasileiro é necessário entender as peculiaridades do Brasil. A região é objeto de estudo para quem deseja conhecer as particularidades nacionais. O sertão baiano é local com área climática própria e um tipo humano definido, que Euclides da Cunha idealizou como homem agreste e forte. O sertanejo é “mistura de cavaleiro medieval e de vaqueiro romântico, ‘rocha viva’”, sobre a qual se poderia criar o brasileiro do futuro” (BRAIT, 1998, p.65). Apesar das travessias difíceis no sertão, os percursos são realizados com entoadas e cantigas que os sertanejos dedicam à natureza; assim afirma:

Passam-se um, dous, seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, até que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito, se despeguem, a pouco e pouco, e caiam, as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas [...] (CUNHA, 2010, p. 58).

O homem que nasce no sertão sofre com as secas, porém quando chega a chuva o homem renasce e, por um instante, esquece seu sofrimento, porque para ele esse é o ciclo natural da vida, assim, não reclama, ou se irrita com o meio, ao contrário, suporta essa passagem, porque, acredita na terra que nunca o abandonará. “[...] o homem luta como as árvores e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo. Ampara-o muito além das horas de desesperança” (CUNHA, 2010, p. 60).

A natureza protege o nordestino que a conhece e distingue seu valor no desenrolar das lutas. “Entretanto o homem do sertão detém o conhecimento do terreno, e é dele que nasce o amor ao solo que a pátria precisa preservar” (ALAMBERT, 2001, p. 223).

O sertanejo possui distintas características. É selvagem, possui intimidade com a natureza, que enrijece seu organismo potente, fato que reflete na composição e nos costumes, conforma-se com sua fase social iniciante, e constitui-se em uma uniformidade, possui feições

e estatura parecidas, o que dá a impressão de que no sertão há um tipo humano antropológico imutável.

O homem do sertão parece feito por molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez [...]; a mesma envergadura atlética, e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes (CUNHA, 2010, p. 113).

O sertanejo é submetido durante sua vida à violência dos agentes exteriores como a estiagem alongada, o reflexo de uma tortura vasta. O sertão é mescla de fortaleza e desolação, de bravura e pobreza, de conhecimento e mistério, o autor descreve esses aspectos e lhes confere significado e estatuto de lugar, através da apropriação da cultura popular.

Mas, se afirmando como sertanejo, não diz apenas que nasceu naquela região, mas que tem vivências, o conhecimento do mundo a que pertence, e que pretende trazer para o leitor, descrevendo tanto a natureza como os tipos humanos mais representativos daquele universo (BARROS, 2001, p. 103).

Muitos estudiosos do século XIX acreditam que as particularidades do ser humano estão relacionados à natureza, assim como, o meio, a cultura e a sociedade, associam-se a uma mesma cadeia. O sertanejo é tão ligado a sua terra que quando afirma ser do sertão, ele se refere ao espaço geográfico, e afirma sua posição na sociedade, através de um elo com o meio, que o apóia. “As caatingas não o escondem apenas, amparam-no” (CUNHA, 2010, p. 240).

O homem nasce da terra, e resulta em um varão formado pelos malefícios da mestiçagem, além de compreender as semelhanças e diferenças que o caracteriza como homem nordestino. O sertanejo apesar das longas e difíceis travessias sempre está ligado à terra e carregando seus elementos nas longas travessias pelo vasto interior das caatingas. Até pelas vestimenta e pelos acessórios o sertanejo demonstra sua forte ligação com o meio, suas roupas são feitas por eles mesmos, de couro de animais, sem muito adorno e luxo, couro resistente, assim como, eles e a natureza. “Este equipamento do homem e do cavalo talha-se a feição do meio. Vestido doutro modo não romperiam, incólumes, as caatingas e os pedregais cortantes” (CUNHA 2010, p. 123). Os adereços que os sertanejos usam tornam-nos mais pujantes diante das dificuldades e dos combates cruéis, sem eles a guerra seria menor e não haveria tantos combates.

Na relação entre homem e terra, o sertanejo diante da natureza, “É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela o talhou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto” (CUNHA, 2010, p.124). Na obra euclidiana, o ser humano tem seus predicativos físicos e morais determinados pelo meio ambiente. O homem sertanejo, primitivo, audacioso e forte, ao passo que também é crédulo, afetuoso, honesto e devotado aos sentimentos da terra, deixa-se facilmente arrebatar pelas superstições, para viver em meio a tanta dificuldade e enorme desafio. Está, portanto, em função imediata com a terra, sendo agente mutável dos elementos da natureza. Assim, nas entrelinhas do texto, o autor mostra a relação entre homem e terra.

Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia – passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação a outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incendiados, sob o reverberar dos estios obras abrasantes (CUNHA, 2010, p. 124).

Euclides da Cunha dinamiza a natureza áspera, dá vida à terra, por meio da significação dos detalhes grandiosos da caatinga. Para o sertanejo descrever a terra, junto à vida, é uma honra, mostra apego à região, e sua profunda admiração sobre todos os aspectos da vida e estilo dos espaços físicos e morais, fato que o relaciona à terra e seus aspectos. “Não é sertanejo quem não tiver verdadeira paixão pela terra de seu nascimento, onde estão enterrados seus ancestrais e afirmar a importância de valores como coragem valentia e caráter”. (BARROS, 2001, p. 103).

O sertão é uma terra sem dono, distantes dos grandes centros onde há desenvolvimento e progresso, onde poucos vivem, “De sorte que sempre evitado, aquele sertão até hoje desconhecido, ainda o será por muito tempo” (CUNHA, 2010, p.36). Embora a região nordestina seja desconhecida por muitos que habitam os grandes núcleos urbanos, a população sertaneja por ser potente, permanece até hoje na região dos sertões, realizando suas atividades cotidianas, e justificando o apelido do mestiço bem definido, completo e forte. “[...] fortalecido pela intuição do próprio sertanejo para quem a persistência do nordeste – o vento da seca, como o baliza expressivamente – equivale à permanência de uma situação irremediável e crudelíssima” (CUNHA, 2010, p 45).

O amor à terra é próprio do homem não “civilizado” como o índio e o sertanejo. Desse modo, o sertanejo é conhecido como homem natural da terra, e, através da relação e da convivência com o meio, surge a admiração do homem para com o seu mundo, como o varão se adapta ao meio, e transforma o ambiente em seu aliado. Para o sertanejo, é muito

importante ser leal à terra, ser generoso e justo com seus companheiros e ser forte diante das adversidades da vida, já que a terra é sua companheira nos dias difíceis, e na luta contra o sol escaldante no cotidiano e nos combates:

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem trancam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali nasceu e cresceu (CUNHA, 2010, p. 240).

Apesar de a natureza configurar-se como um elemento que agride o homem com seus galhos e espinhos cortantes, o meio é um cúmplice do homem sertanejo nas grandes travessias, além de ser o grande responsável pelo desenvolvimento e resistência do másculo na guerra de Canudos. Portanto, na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, vê-se como a realidade é captada e descrita, ou seja, como é representada, de maneira diferenciada, através da narrativa característica, dos aspectos da natureza, do homem e da guerra de canudos.

“O meio atraía-os e guardava-os” (CUNHA, 2010, p. 104). Enfim a índole dos sertanejos corresponde à natureza da terra em que vivem. Contudo, o elo homem e terra não se baseiam no complemento ou integração, mas na relação mútua, de troca de servidão, a natureza é determinante no caráter do sertanejo, e o varão abre o íntimo carinhoso e amigo para seu meio. Apesar da árdua relação dominadora, o meio estabelece com o homem nativo uma relação de simbiose na luta pela vida, assim, a relação entre terra e homem se dá de maneira harmônica, e a integração entre ambos se processa naturalmente, como num encaixe perfeito. Portanto, para ser(tão) forte, é necessário resistir a todos adversidades, por meio da integração perfeita entre homem e meio.

2.3 Entre espinhos e veredas a formação do homem forte e calado do sertão

As histórias antigas narram que os Sertões da Bahia, terra da mística sertaneja, no princípio da criação do mundo foi um largo oceano em que viveram espécies primitivas da mais rara natureza e forma. Com o passar do tempo, as águas foram secando e transformando-se em rios, dando espaço para a vegetação da caatinga, bioma singular, dificilmente encontrada em nenhuma outra parte do Planeta. Dentre os muitos registros sobre os homens que habitaram e/ou habitam os sertões, sobre cultura, religião, sociabilidade, comportamentos e vínculos sociais existentes em compêndios literários, os relatos do ponto de vista da história, asseguram que, os habitantes dos sertões são originários de povos muito remotos de tempos

imemoriais. Montaigne, pensador francês do século XVI, no ensaio *Dos Canibais*, afirma que os habitantes mais antigos do Brasil são originários de uma colônia deslocada de Cartago, no extremo Norte da África. E em aqui chegando, tomaram posse muito antes de Cabral e como testemunho de que esta terra tinha dono.

Nela se conta que alguns cartagineses, tendo-se aventurado pelo Atlântico afora, além do estreito de Gibraltar, teriam acabado, após uma longa navegação, por descobrir uma grande ilha fértil, coberta de bosques, regada por grandes e profundos rios, e muito afastada da terra firme. E que atraídos, eles e outros mais tarde, pela quantidade e fertilidade do solo, para ali teriam transportado suas mulheres e filhos, nela se fixando (MONTAIGNE, 2000, p. 194).

Chegando ao mundo de distintas origens, homens e mulheres mudaram seus hábitos alimentares, aprenderam a ocupar o solo, selecionar frutas, folhas, raízes e a capturar animais, porém essa adaptação não foi fácil, em muitos momentos assustaram-se com esta parte do mundo. Como prova, este Sertão da Bahia que foi habitado por uma grande Civilização que respeitava a arte, a história, a escrita e por ter espírito elevado passou a atrair para cá, contínua migração. Contudo, com o passar dos tempos, os pioneiros voltaram para metrópole antiga, deixando raízes étnicas bem estabelecidas de que agora são descendentes os sertanejos.

Os povos antigos que povoaram esta terra sofreram pressões de todas as formas, fossem elas climáticas, hecatombes, grandes desastres naturais, flagelos, fossem guerra entre aqueles povos. Logo, povoar a face da terra do ponto de vista histórico tem implicações traumáticas, mas também míticas, poéticas etc.

Nas escrituras bíblicas, por exemplo, do Antigo Testamento, pode-se perceber afirmações que abordam a história de um povo, como surgiu, como viveu, como possuiu a terra e quais relações manteve com outras nações, como estabeleceu suas leis e viveu sua religião. Apresenta seus costumes, culturas, conflitos, derrotas e esperanças. Visto que as abordagens bíblicas fazem referência à vida do homem em seu contexto socio - cultural, o capítulo 7 do livro de Amós apresenta o primeiro registro do homem vaqueiro existente naquela época. Fato que pode ser constatado nos versículos 12-15 na Bíblia Sagrada no Antigo Testamento.

¹²Então Amasias disse a Amós: “Vidente, vá embora daqui. Retire-se para a terra de Judá. Vá ganhar a sua vida fazendo lá suas profecias.

¹³Não me venha mais fazer profecias em Betel, pois isto aqui é o santuário do rei, e é templo do reino”. Amós, respondeu a Amasias:

“Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta. Eu sou criador de gado e cultivador de sicômoros. Foi Javé quem me tirou de trás do rebanho, e me ordenou: ‘Vá profetizar ao meu povo Israel’ (1991, p. 1186).

Diante disso, é possível observar o vaqueiro capaz de expressar suas concepções políticas, crenças religiosas e desejos de afirmação quanto à posição social, o que demonstra a determinação do homem. Mesmo exercendo várias funções, tais como: plantar, colher, pastorear, lutar, dentre outras, o “criador de gado” ainda se mantinha vinculado ao judaísmo ortodoxo. Este é um momento em que o vaqueiro citado no texto clássico, assim como, o homem mencionado por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, enfrenta oposição explícita perante a sociedade civil urbana.

A sociedade nordestina provem da mistura entre índios, negros e brancos que, juntos, constituíram a raça mestiça sertaneja. A progênie sertaneja surge de maneira autônoma e original, pela combinação de todos seus atributos herdados e construídos no decorrer dos tempos, mas também através das dificuldades vividas. Para Euclides Cunha, os sertanejos seriam uma sub-raça no processo de miscigenação brasileira, isolados, estavam situadas às margens do processo civilizatório e do progresso da sociedade litorânea do país. O isolamento contribui para o sertanejo se constituir como homem calado, de raça forte quanto à postura física, porém na maneira de pensar e viver provocou atraso e conservadorismo a esse povo.

Ler *Os Sertões* é conhecer o Brasil. “A leitura d’*Os Sertões* é um conhecimento e um reconhecimento da nossa terra e do homem sertanejo da raça, ou melhor, do mestiço brasileiro” (BORGES, 2002, p. 193). O jesuíta, o vaqueiro, o sertanista e o bandeirante foram os primeiros habitantes brancos que migraram para a região. Deram origem aos tipos populares que compõem o sertão: o beato, o cangaceiro, o jagunço dentre outros. Todos com um senso de tradição elevado e características semelhantes.

[...] o homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mamaluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro ou levemente ondedo; a mesma envergadura atlética, e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes. (CUNHA, 2010, p.113).

A raça sertaneja não é simples, e nem poderia ser. Os sertanejos são estáveis, falam pouco, discretos, constituem-se de altos e baixos, e assim Euclides da Cunha com sua sensibilidade, descreve a dor dos sertanejos, mostrando as barbáries vividas pela sociedade

nordestina. ”Para Euclides da Cunha, a sub-raça dos sertanejos é, portanto, condenada pelas leis inflexíveis, invariáveis, da luta de raça” (SEEL, 2002, p. 164). A mistura de distintas etnias em caracteres distintos resultou em uma raça sertaneja marcante e mestiça, que resisti aos problemas físicos, psicológicos e políticos da região, mas que não intimida o homem do sertão, que permanece lá até os dias atuais.

Ora toda essa população perdida num recanto dos sertões, lá permaneceu até agora, reproduzindo-se livre de elementos estranhos, como insulada, e realizando, por isso mesmo, a máxima intensidade de cruzamento uniforme capaz de justificar o aparecimento de um tipo mestiço bem definido, completo (CUNHA 2010, p. 109)

Além das relevantes contribuições das raças negras e índio na formação do sertanejo, Euclides da Cunha também enfatiza a importância dos colonizadores portugueses na constituição da nação brasileira, além dos costumes, da religião e da forma de trabalho, os portugueses trouxeram a esse país tão distante, as suas peculiaridades, que contribuíram para a formação cultural e política do Brasil. O campestre busca na história sua liberdade e sua formação, observa com rejeição à cultura dos visitantes e preparam para viver o dia-a-dia, no seu percurso natural.

O povo é incapaz de conceber a civilização, fato que demarca sua imunidade que ratifica sua força, sua capacidade de se amalgamar com os elementos topográficos e vegetais do sertão. “Uma grande herança de abusões extravagantes, extinta da orla marítima pelo influxo modificador de outras crenças e de outras raças, no sertão ficou intacta” (CUNHA, 2010, p.144):

Os sertanejos são homens que acreditam que o mundo está centrado na religiosidade, e na solidariedade mútua. “Surgem da uma luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos na altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa” (CUNHA, 2010, p. 139). O sertanejo é um ser de civilização *sui generis*, bravo e resistente, mas crédulo, acredita que todos os martírios serão passageiros. “Seu profetismo com ideal de martírio e o desejo de salvação, se relaciona ao catolicismo dos pregadores leigos muito frequentes no nordeste” (VENTURA, 2003, p. 211).

Eles rezam em qualquer local e deixam o armamento para respeitar os momentos de orações. “Ao cair da tarde. A voz do sino apelidava os fiéis para a oração” (CUNHA, 2010, p. 202). Os homens sertanejos não vivem só de trabalho, eles rezam, participam das danças populares, em raros momento de diversão e alegria. Euclides da Cunha (2010, p.206) assinala

que “As rezas, em geral, prolongavam-se. Percorridas todas as escalas das ladainhas, todas as contas dos rosários, ritmados todos os benditos [...]”.

Euclides da Cunha descreve o sertanejo como produto do meio, da raça e da cultura, através da análise da psicologia do sertanejo e de seus costumes social, político e cultural. O sertanejo possui um físico robusto e ostenta-se em sua plenitude em meio às lutas nas caatingas, empresta sua força ao cavalo e sustenta-se nas rédeas de caroá. “[...] porque por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo” (CUNHA, 2010, p. 120).

O sertão com o sol escaldante e sua terra quase desnuda impressiona. Cheia de veredas e árvores retorcidas constitui a caatinga, o único local onde o sertanejo se sente acolhido. Os homens se relacionam bem com o meio, criam bodes e vacas, são bons agricultores e honestos com quem oferece oportunidade de emprego ou lhes tem algum respeito e consideração.

O homem sertanejo é amante da terra e de tudo que emana dela, desenvolve a agricultura incipiente às margens dos rios, criam gado e desenvolvem trabalhos cotidianos do homem da terra, para as primeiras necessidades de subsistência e financeiras. “[...] ali ficam, anônimos – nascendo, vivendo e morrendo na mesma quadra de terra – perdidos nos *arrastadores* e mocambos; e cuidando, a vida inteira, fielmente, dos rebanhos que lhes não pertence” (CUNHA, 2010, p. 126). Os sertanejos são guerreiros, andam pelas imensas caatingas ora em bando ou sozinhos, defendendo seu chefe/coronel, ou alguém com que eles tenham dívidas de honra. Fiel ao patrão ausente, que confia em seu empregado sem fiscalizar, já que, conhece o comportamento da maioria dos sertanejos, honestos não sujam sua honra por qualquer coisa, zelam por seu nome e exercem seus trabalhos com responsabilidades e compromisso. Não sabem ler, porém conhecem algumas letras e siglas que ferram os animais e representam os fazendeiros. Os vaqueiros por esforço da memória conhecem todos os animais, não só reses que cuidam, mas as dos vizinhos, sua índole, especialidade, idades etc. Para o sertanejo nada que não lhe pertence interessa-o, correto, devolve qualquer objeto/ser que apareça em suas terras ou trabalho.

No sertão baiano, plantar é uma aventura e a migração parece destino certo para os homens que lá residem, porém o sertanejo acredita que tomar a natureza como meio de vida é fundamental para sua sobrevivência, mesmo que seja por meio do sofrimento e pela falta dos elementos naturais e essências, transformam a natureza em seu reflexo e armadura.

Nesse contexto, a resistência sempre acompanhou a história do povo sertanejo. Seja em forma de êxodo, seja em forma de movimento

messiânico ou de cangaço, o sertanejo sempre procurou resistir aos rigores da seca e a exploração dos poderosos locais (ALMEIDA e SILVA, 2008, p. 100).

Ainda vivendo em meio à natureza enigmática, torna-se um combatente imbatível e aparentemente abatido, aguerrido e intenso, que está naturalmente pronto para vencer e não ser vencido, oscilando da quietude à agitação.

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontra que não vence e em que se não deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda o lombinho duro, que o arrebatava, como um raio, pelos *arrastadores* estreitos, em busca das malhadas (CUNHA, 2010, p. 124).

O sertanejo representa com dignidade o Nordeste. “É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas: a vida resumida do homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade” (CUNHA, 2010, p. 153).

A narrativa mostra a formação do homem nordestino, ao descrever o sertanejo, porque, em *Os Sertões* evidencia-se a relação do homem com a sociedade, relata a raça sertaneja resultante da mistura de várias raças, as quais viviam em meio a diferenças e contradições étnicas e culturais extremas, em relação aos grandes centros do país, mas, o mestiço sertanejo adaptou-se a região naturalmente.

Daí ao retrato psicológico e ético vai ao passo. Que Euclides dá sem hesitar. O sertanejo é foco de contrastes: valentes, mas supersticioso; forte, mas abúlico; generoso, mas fanático. Estão lançadas as bases para a interpretação do fenômeno de Canudos, encontro histórico de raças e meios diversos: o sertanejo rebelde, mas impotente, contra o homem do litoral (BOSI, 2002, p. 211).

Mesmo rude, embrutecido pela natureza, o sertanejo representa sua sociedade e as distintas peculiaridades que a constitui. Descrito com maestria por Euclides da Cunha como herói, guerreiro e resistente, para viver a seu modo, encara qualquer tipo de batalha e luta até o fim para sobreviver a ela. “Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril, capaz de retirar a sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontra” (ALBURQUEQUE JR, 2003, p. 162).

O sertanejo estereotipado como tabaréu, violento, fanático, messiânico, incapaz, miserável, fadigado, combatente e sem prumo, pode se transformar em ágil e forte. Transforma a dor em esperança, a tristeza em fé e a fome em força para seguir vivendo. É do calo das suas mãos que o progresso ganha contorno e presença na sociedade. “Os sertanejos são cercados de características culturais e sociais que fazem destes indivíduos um povo” (DECCA E GNERRE, 2002, p. 53).

Euclides da Cunha descreve o homem sertanejo em Canudos e as consequências que as mazelas, a servidão e o isolamento cultural, a rigidez do meio, o coronelismo e a miséria causam à sociedade.

O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente (CUNHA, 2010, p. 117).

Lembra um guerreiro antigo nas grandes lutas medievais, embora sem armadura de ferro, mas revestido de couro, resiste às batalhas envoltas nas vestimentas típicas do sertão em lutas diárias, seja com o meio ou quando a guerra de Canudos se inicia exigindo ainda mais rigidez do nordestino, que não se abate e vai à luta. O sertanejo é resistente, como o meio onde sobrevive a tanto sol e escassez de chuva os quais traduzem a moral dos agentes físicos de sua região.

Explorando as possibilidades do meio, o sertanejo conjuminou agricultura e criatório, distribuindo-se o trabalho diário nos dois ramos de atividades, predominantemente. Dessa forma, o agricultor vaqueja o gado como o vaqueiro toca a raça, a família participando, incluindo-se as crianças na faina diária da produção econômica regional, dos meios de subsistência (BARROS, 2000, p. 49).

Só um homem forte pode conseguir resistir às adversidades do sertão. “O desenrolar da guerra e a resistência dos sertanejos em armas para defender a cidade santa constituem as páginas mais heroicas e mais trágicas da história social e militar do Brasil”. (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 19).

O homem sertanejo é vigoroso, adapta-se em uma região onde quase só existe deserto e a água é escassa. “Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo momento, em todas as pormenores da vida sertaneja – caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas” (CUNHA, 2010, p.

119). É na simplicidade que se tornam mais fortes, determinados e ligados às suas origens. O sertanejo é agreste e sereno, acostumado com as tragédias desde muito novo. Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Apresentou-se, cedo, para a luta.

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (CUNHA, 2010, p. 118). Com aspecto fatigante, falta-lhe a postura impecável, a atuação e a composição física atlética. É desgraçado, desgracioso e torto. Essas características, traçadas por Euclides da Cunha, apresenta-nos um sertanejo sem firmeza, sem prumo, quase gigante e sinuoso, transladado e de membros desarticulados. Agravando-o a postura abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. Caracterizado como um homem fadigado, que reflete a preguiça invencível, a falta de força muscular presente em tudo: nas palavras, nos gestos, no andar, na cadência e na tendência constantes a imobilidade e quietude. Essa, porém, é uma aparência que ilude.

O homem transfigura-se, diante das transmutações completas e da necessidade de desencadear energias adormecidas, apropriando-se de uma nova postura. Forte, o homem perde todos os efeitos do relaxamento habitual e da figura vulgar de tabaréu desajeitado. Dessa forma, “[...] Reponha inesperadamente o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinária” (CUNHA, 2010, p. 119).

O sertanejo resiste aos suplícios da seca, pois conhece cada singularidades de ambiente. Desde pequeno, os homens do Sertão convivem com a imagem da morte, tentando superá-la a cada alvorecer do sol. Sua grande vitória é chegar ao dia seguinte, comemorando o triunfo da vontade de viver.

A força e o silêncio descrito em *Os Sertões* perpetuaram-se até os dias atuais na expressão vigorosa do povo sertanejo do Nordeste do Brasil.

3 O RETRATO ESTÉTICO E SOCIOCULTURAL DE VIDA EM *OS SERTÕES*

Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, utiliza a arte literária para descrever a realidade de Canudos. Narra com essência de pesquisador, mas também com estilo de um grande romancista, que capta o cerne dos fatos e transforma em uma incomensurável obra canônica, fato que pode ser constatado em sua eficácia. Estética, estilo e realidade instaurados por Euclides da Cunha transcorrem por toda obra desde primeiro capítulo até as últimas batalhas da guerra.

O autor relata na obra os diversos descaminhos que a sociedade encontra para sobreviver em terras distantes, onde a civilização ainda não havia chegado. Os descaminhos da Província da Bahia eram alarmantes, em diversas áreas como a educação, a saúde, o transporte, a comunicação, a alimentação, a política, o lazer, o comércio e, principalmente, o que diz respeito ao hídricos, escasso na região.

A narrativa euclidiana, é dividida em três partes, Homem, Terra e Luta, em todos os itens é importantíssima a presença do homem, e seu elo com a natureza, para o sentido das mesmas. Os sertanejos além de fortes, eram trabalhadores, não abandonavam nenhuma faina. “Logo ao apontar da manhã distribuíam-se os trabalhos. Não faltavam braços; havia-os até de sobra. Destacavam-se piquetes vigilantes, de vinte homens cada um, ao mando de cabecilha de confiança, para vários pontos de acesso” (CUNHA, 2010, p. 298).

Os sertanejos tinham orgulho da natureza que o cercava, apesar dos flagelos que causava na vida do nordestino. Faziam questão de demarcar sua relação recíproca com o meio. “O homem é quase uma extensão da guerra em Euclides” (BRASILEIRO, 2008, p. 33).

Desse modo, Euclides da Cunha descreve com maestria a sociedade sertaneja, e, dá ênfase ao tipo nordestino: jagunço e vaqueiro - sujeitos que aparecem com maior frequência, na lida com as atividades cotidianas do sertão e nas batalhas da Guerra de Canudos. A peculiaridades de ambos, em suas atividades em meio à natureza, nos diversos duelos cruéis, enfim sua imprescindível participação no desenrolar das lutas.

No decorrer dos dias, os matutos iam da extrema brutalidade ao máximo devotamento, não possuíam, em meio a tantas guerras - psicológicas, morais ou físicas, momentos tranquilos da felicidade, mas a preocupação com o futuro, que era sempre uma ameaça, tornava suas vidas instáveis e incertas. Na busca dos milhares de homens para sobreviver à miséria e à falta de recursos, eles tinham um relacionamento bom. Já a relação dos sertanejos com o exército brasileiro, era de oponente, almejam somente destruição.

Em Canudos – excluídos a mulheres, as crianças, os velhos e os enfermos – de mil homens, mil homens robustos e destemerosos “armados até os dentes”; por fim, sabia-se que ele imperava sobre extensa zona dificultosa o acesso à cidadela em que se entocara, porque a dedicação dos seus sequazes era incondicional, e fora do círculo dos fiéis que o redeavam havia, em toda a parte, a cumplicidade obrigatória dos que o temiam (CUNHA, 2010, p. 228).

Na Guerra de Canudos, como não faltava armas, pólvoras ou balas, também não faltavam homens para a luta. “Por fim não faltavam lutadores *famanazes*, cujas aventuras de pasmar corriam pelo sertão inteiro” (CUNHA, 2010, p. 301).

Os sertanejos eram muito inteligentes e organizados, de boa vontade para vencer o exército; estavam em todos os lugares estratégicos, pareciam multiplicar-se, fugindo de forma inacreditável das armas pesadas dos soldados, fato que deixava os comandantes, em diversos momentos, sem ação, perplexos. Assim, “Os soldados viam tombar, mas ressurgir imediatamente, [...] Viam-no outra vez cair, de bruços, baleado. Mas viam outra vez erguer-se, invulnerável, assombroso, terrível, abatendo-se e aprumando-se, o atirador fantástico” (CUNHA, 2010, p. 267).

Assim como a resistência e força inquestionável dos sertanejos, os soldados em sua totalidade também eram fortes e corajosos. “Não se gasta; não se rompe. Depois de um combate longo, o lutador exausto tem o fardamento intacto e pode repousar sobre uma moita de espinhos” (CUNHA, 2010, p. 365). O resultado da guerra de Canudos deve-se à esperteza, valentia e força de seus lutares, sejam eles nordestinos ou sulistas, ambos desenvolveram com esmero suas habilidades e comoveram toda a nação, despertando em todos, à atenção para o

povo que constitui a cerne da nação brasileira. O povo nordestino tem um entusiasmo e encanto especial. Eles conseguem converter a dor em esperança, a tristeza em fé e a fome em força. Conversões que contribuíram para o desenvolvimento dos combates na Guerra de Canudos e, principalmente, para a formação e a história do país.

3.1 Terra e vida: os descaminhos de uma gente e de um lugar

As relações entre construção e destruição, conflitos e desordem são partes da narrativa, pois, o país vivia uma fase de transformação física-social por meio da abolição da escravatura e da proclamação da república.

Na perspectiva de acompanhar e descrever as operações militares em Canudos, no interior da Bahia, onde um movimento messiânico explodiu, chefiado por Antônio Conselheiro e fez o governo central estremecer, posto que apenas na quarta tentativa conseguiu destruir o último reduto sertanejo, Euclides da Cunha traz ao conhecimento público universal os detalhes da Guerra de Canudos em uma reportagem unificada em *Os Sertões*: literatura épica construída através do jornalismo. Na construção do clássico *Os Sertões*, Euclides da Cunha não relatou apenas o que viu e testemunhou, mas utilizou também a obra de Durval Vieira de Aguiar (1979), intitulada *Descrição Prática da Província da Bahia*.

Dois dias depois, Euclides continuava seu trabalho de historiador, buscando fontes para melhor conhecer o sertão. Uma delas, citada e usada diversas vezes em *Os Sertões*, é o livro *Descrição prática da Província da Bahia*, de Durval Vieira de Aguiar, onde o autor, tenente-coronel da polícia baiana, descreveu detalhadamente todos os municípios da província da Bahia (VILLA, 2002, p. 24).

A narrativa de Aguiar, obra importante, relata com expressividade uma historiografia baiana prática, no século XIX. Nesse período, a Província da Bahia sofre com a decadência econômica, política, social e cultural.

Na época da narrativa sobre a Bahia, o vilarejo de Canudos ainda não existia como núcleo conselheirista. O pequeno povoado denominado Canudos surgiu antes com uma velha fazenda de gado. Em 1893, quando Antônio Conselheiro chegou no pequeno povoado abandonado às margens do rio Vaza-Barris, batizou o local de Belo Monte, espaço que passou a crescer vertiginosamente, com a chegada de romeiros de toda parte, ansiosos por seguir Conselheiro, fato que incomodou as autoridades políticas e religiosas locais.

Aguiar, em suas andanças por todo território baiano, conheceu o chefe messiânico da Guerra que viria acontecer em Canudos, Antônio Conselheiro, no vilarejo denominado

Cumbe, atual cidade de Euclides da Cunha, no ano de 1883, 14 anos antes da guerra de Canudos.

Quando por ali passamos achava-se na povoação um célebre *Conselheiro*, sujeito baixo, moreno acabocado, de barbas e cabelos pretos e crescidos, vestido de camisolão azul, morando sozinho em uma desmobiada casa, onde se apinhavam as beatas e afluíam os presentes, com os quais se alimentava (AGUIAR, 1979, p. 83).

Durval Vieira de Aguiar descreve claramente todas as distâncias em léguas intermediárias das cidades, vilas e povoados baianos, de cada uma das localidades, expõe o que vê e o que sente de cada lugar, fixando em sua narrativa aspectos físicos, sociais, econômicos e culturais nas variadas formas daqueles sertanejos. Com intuito de favorecer o engrandecimento intelectual, administrativo e material do estado, torna conhecida a Bahia e chama a atenção pública, nacional e estrangeira, para aquela Província tão sofrida, mas de homens lutadores e de natureza rica.

Tanto Durval Vieira de Aguiar quanto Euclides da Cunha descrevem os sertanejos como vaqueiros, homens que à primeira vista parecem de uma indolência irremediável, devido à falta de ocupação regular e o constante ardor do clima (seco), da alimentação, das lutas e dos costumes. Entretanto, a seu modo não são alheios ao trabalho, tornam-se ociosos a contragosto:

A prova de que não são preguiçosos teve-se no auxílio que esses homens prestaram à Companhia de Minas de Assuruá, não só como bons e incomparáveis trabalhadores braçais, como garantidores dos interesses da Companhia, que com um grupo deles, armados, fazia a política dos garimpos (AGUIAR, 1979, p. 168).

Os sertanejos são utilizados como instrumentos dos partidos e dos latifundiários. A região não possui indústria, arte, grande lavouras ou qualquer outra fonte de trabalho; as cidades muito distantes e as estradas péssimas, ou qualquer outra fonte de trabalho, fato que tornava o local inimigo do progresso, da ordem e da moral. Os poderosos da época, governo e fazendeiros, eram movidos por interesses políticos o que arruína e desacredita a região.

Os descaminhos da Província da Bahia estão principalmente na péssima educação escolar imposta às demandas sociais infante - juvenis que povoaram a Bahia do Século XIX. A maioria da sociedade era analfabeta, os índices eram alarmantes em todas as faixas etárias,

mas eram maiores na população acima de 50 anos, que era constituída por aproximadamente 50% de analfabetos.

A escola de meninos funcionava num cômodo térreo, parecido com um corredor [...], toda enfumaçada e desprovido de utensílios, pelo que se assentavam os meninos em tábuas, pedras e caixões colocados em roda de uma velha mesa mandada fornecer com dois ex-bancos pela municipalidade. A matrícula dessa escola era de 35 e a frequência de 20. Por não terem livros liam as crianças pedaços de gazetas ou manuscritos grudados em papelão. (AGUIAR, 1979, p.198)

As poucas escolas que existiam em toda Província da Bahia, passavam por sérios problemas de infra-estrutura. Em alguns locais tinha o prédio e não tinha materiais pedagógicos, móveis, funcionários e/ou merenda; em outros lugares tinha os materiais pedagógicos e não tinha imóvel.

Mas existiam lugares onde as aulas aconteciam normalmente, geralmente, os alunos eram divididos em sala ou escolas por gênero; embora com toda essa infraestrutura, os alunos não frequentavam:

Todas estas freguesias, inclusive os arraiais de S. Vicente, Tanquinho, Almas, Limoeiro, Coité e Gavião, contêm 22 escolas públicas dos dois sexos, sendo 4 delas na cidade, que são as mais regularizadas, e possuem todas uma matrícula de trezentos e tantas crianças (AGUIAR, 1979, p. 110).

Em todo nordeste as características são parecidas sejam elas sociais, políticas ou culturais, a peculiaridade de uma cidade se assemelha com outras, em raras exceções, encontram-se divergências entre esses aspectos. Em geral, em toda a Bahia, os homens frequentavam a escola em número maior que as mulheres, não por restrição às mulheres, mas, pelos homens que estavam sempre em busca de ocupação, ou ainda porque necessitavam saber algumas letras que usariam nas fazendas para ferrar os animais e os das vizinhas para que, quando um animal escapasse não fosse misturado aos de outras roças. “A primeira coisa que fazem, é aprender o *a b c e*, afinal, toda a exigência da arte em que são eméritos: conhecer os *ferros* das suas fazendas e os da circunvizinhas” (CUNHA, 2010, p. 127).

A direção das poucas escolas que existiam, não encontrava pessoas capacitadas para trabalhar. “O Professor estava licenciado e o seu substituto só tinha por habilitação uma boa vontade, e tanta condescendência que até dava horas de almoço às crianças” (AGUIAR, 1979, p. 198). Quando tinha um professor capacitado geralmente ia para os grandes centros urbanos,

onde eram valorizados, deixavam o emprego no campo nas mãos de pessoas inexperientes, em busca de melhores condições vida, com intuito de ajudar toda a família. Apesar da disposição dos substitutos, essa situação deixava a educação do sertão ainda mais precária. “A instrução, educação e civilização estão ali em grande atraso [...]” (AGUIAR, 1979, p. 19).

Nas escolas do interior do sertão, os professores não utilizavam teorias pedagógicas nas aulas, pela falta de recursos didáticos, não possuíam modos de promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos sujeitos inseridos nos contextos socioculturais e institucionais. Essa prática só ocorria na capital do estado Salvador, pela proximidade com a população de classe alta. “Essas faltas de que não se pode acusar os professores, vêm-se infelizmente em quase todas as escolas do centro, a despeito das bonitas teorias pedagógicas sobre melhoramento, que não passam da capital (AGUIAR, 1979, p. 29). Tanto na área de educação escolar, quanto na subsistência enfrentava dificuldades, o que talvez contribuísse para o baixo avanço escolar.

Nos Sertões, a caatinga e a agropecuária de subsistência garantem a sobrevivência da população, submetida ao poder das oligarquias. “As pequenas roças de milho, feijão da vazante de mandioca, que atenuavam a princípio a sensaboria dessa alimentação de feras, exaurira-se prestes” (CUNHA, 2010, p. 421). A alimentação dos sertanejos é relativamente difícil e desagradável, quando a seca assolava e não colhiam nada, iam para a caatinga em busca dos alimentos e a natureza não os desampara totalmente, fornece-lhes caça, frutos, pesca e raízes das árvores, mas, na falta, alimentam-se de qualquer coisa: cuscuz de xique-xique (um arbusto espinhoso semelhante ao mandacaru), planta natural da caatinga e “bró”, (um pó de serra extraído a pancadas de machados de tronco do nicuri, que torram e fazem farinha, dentre outros).

Entretanto, a Providência não desampara os pobres nessas críticas fazes da severa estação, porque fornece-lhes mangaba em profusão, bem como *caju* e *umbu*, e quando este falha, extraem da raiz da árvore, ralando-a, uma massa que mistura com a *raspadura*, e formam uns *tijolos*, não maus de se comer (AGUIAR, 1979, p. 77).

Apesar da má alimentação, tanto em *Os Sertões* de Euclides da Cunha, quanto em *Descrição Prática da Província da Bahia*, de Durval Vieira de Aguiar, não há relatos de um sertanejo morrer de fome, marca de sua resistência. Os homens do sertão baiano bebem água

dos açudes e rios com sabor de barro, mesmo poço de que se servem os animais. Por causa dos grandes períodos de seca, também coletam o *liquido precioso* nos pés de *gravatá*⁵.

O nordeste brasileiro é composto por homens oprimidos pela estrutura pré-capitalista dos latifúndios brasileiros. Os sertanejos eram homens escravos da “aristocracia”, que vivendo nas cidades e vilas, exploravam fazendas de gado, caprinos e ovinos, e cultivavam fumo, algodão e cereais, tudo através da mão-de-obra servil do sertanejo. Os benefícios não chegavam aos pobres, faltavam todos os recursos para obter bons resultados com seus próprios trabalhos, desde a terra que não possuíam, até as ferramentas modernas que nem conheciam. “Eles não possuem um arado, um carrinho de mão, uma máquina qualquer, e raro e feliz é o que dispõe de uma pesada, antiga e morosa *roda* ou bolandeira para desmanchar a mandioca” (AGUIAR, 1979, p. 314).

Habitada por homens laboriosos, robustos e inteligentes, Canudos não oferecia opção de trabalho para seus habitantes, pouco valorizados, enfrentavam problemas com o trabalho no campo. E piorando a situação a constituição de 1891, no artigo 64 da nova carta, determinava que as terras restituídas, passariam a pertencer o governo dos respectivos estados, e os governantes deveriam criar instrumentos legais para registrar essas propriedades, porém o estado não tinha interesse em ajudar os sertanejos, e deixava-os a mercê da sorte e do destino em meio ao Sertão.

Em Canudos, os sertanejos viviam basicamente nos campos, a região quase não oferece opções de divertimentos para seu povo, os raros momentos de distração são nas rezas e feiras livres. É um local monótono, especialmente à noite, que mostra a quem a conhece uma decadência. A cidade era composta por ruas compridas e estreitas, com casas de telha baixas, muitas ficavam vazias ou em ruínas. Os sertanejos que possuíam casas geralmente eram pequenas e de tijolos sem reboco ou de taipa, materiais de fácil acesso aos sertanejos. Formavam rua única, no centro possuía pequenas praças, onde geralmente tinha uma igreja e o comercio pouco desenvolvido, onde ocorriam semanalmente as feiras livres.

Canudos e toda região era pobre, possuía atividades econômicas com baixos rendimentos, muitas vezes, só conseguia dinheiro para a próprio sustento. Os sertanejos tinham a agricultura prejudicada pela seca, e pela hostilidade do terreno, cultivava suas roças à custa de um rústico e intenso trabalho, tendo como únicos auxílios a *enxada* e o *facão*, que muitas vezes utilizavam para abrir as veredas das caatingas, e lhes ajudavam nas lutas. Andavam por veredas tortuosas e escabrosas, que pareciam um labirinto, tornando as

⁵ Planta brasileira quase sem caule, resistente e de vida longa, da família das bromélias.

distâncias duplas e jornadas diárias ainda mais difíceis. As longas terras do Sertão eram utilizadas para pastagem, esse costume faz parte do penoso processo de exclusão do povo pobre da região seca nordestino.

Tanto Euclides da Cunha quanto Durval Vieira de Aguiar descrevem os descaminhos dos sertanejos, nas obras *Os Sertões* e *Descrição Prática da Província da Bahia*, há relatos claros dos desvios institucionais e morais, que esse homens são submetidos, os autores criticam as políticas e as instituições, a educação, moradia, alimentação, e inclusive, a Igreja, apesar de serem católicos, relatam que a instituição nada fez para melhorar a vida da população sertaneja.

Euclides da Cunha mostrou em sua narrativa da Guerra de Canudos, os descaminhos de uma nação, relatou ainda que relações dos sertanejos eram fundadas no enlaçamento com a natureza, a sociedade e a cultura. Em *Os Sertões*, os fatos eram interligados entre terra, homem e cultura, desabrochando uma relação peculiar. Em vários trechos o autor mostra a degradação do plano físico a partir da degradação social. Enfim, é perceptível nas entrelinhas da obra que quando o autor cita a terra, está descrevendo também as condições sociais e políticas do sertanejo.

Para Aguiar, todos os nordestinos devem continuar lutando para encontra o caminho do progresso e da dignidade, pois, na construção da pátria todos os sertanejos são obreiros, assim declara:

Façamos o que pudermos da nossa parte; zelando, protegendo e melhorando não só a nossa raça, como a nossa Província; porque deste degrau devem partir todos os nossos interesses, todos os nossos deveres, todas as nossas ambições matéricas e espirituais (AGUIAR, 1979, p. 316).

Assim como Cunha se identificou e lutou a favor da condição de um povo ameaçado, em luta pela liberdade, contra a prepotência dos grandes latifundiários que reprimiam a população, os sertanejos devem fazer sua parte, cuidar e preservar o seu habitat, batalhar pelos seus direitos e manter-se unidos para tomar decisões importantes para o bem de toda região. Já que comparada a outras Províncias, Bahia é a mais explorada, de um povo procedente de uma raça mesclada pela mistura primitiva de índios, africanos e europeus, que resultou em homens trabalhadores, patrióticos, fieis, inteligentes e corajosos, que necessitam continuar defendendo seus ideais, seu espaço físico e socioeconômico. Os sertanejos só teriam capacidades de melhorar suas vidas e viver com dignidade em meio a tanta seca, quando os

governantes oferecessem oportunidades na educação, trabalho, moradia, alimentação: caminhos dignos de existência. Apesar de todas as lutas, compreende-se que a maior virtude do sertanejo é a moral do trabalho, do companheirismo, do aperfeiçoamento natural e do progresso material e espiritual, o que se tem impedido pelos descaminhos manipulados pelo estado.

3.2 Quem és tu? vaqueiro? jagunço sertanejo?

A sociedade do Sertão é constituída por diversas etnias que originaram os sertanejos, no seu contexto, social e cultural e de comportamento próprio; dentre eles estão como personagens principais os tipos sertanejos: vaqueiro e jagunço. O grupo minoritário que cuidava dos rebanhos, da agricultura e faziam trabalhos escravo, exercia a função de vaqueiros. Os primeiros que chegaram ao Sertão baiano no século XVII, no município de Mata de São João, na região estabeleceram os primeiros currais.

O termo vaqueiro é em geral atribuído ao profissional especializado no manejo do gado vacum. No Brasil o espaço o surgimento do vaqueiro ocorreu com a instalação das fazendas de gado no interior do Nordeste, no século XVII. Entretanto, foi no longínquo sertão que essa figura adquiriu importância social (MONTENEGRO, 2008, p.127)

Eles desbravaram o Nordeste de país, tornando o interior da Bahia, de lugar desconhecido, em locais habitáveis, com comunidades que se tornaram cidades, desenvolvendo a economia, a política e a sociedade sertaneja. Desse modo, ergueram as primeiras casas de fazenda. No nordeste da Bahia é muito comum encontrar grandes fazendas de poucos donos. Nesses locais, é comum o cultivo da agricultura e a pecuária. Os coronéis entregam suas fazendas para o trabalhador mais ágil e importante: *o vaqueiro*, que tem a principal incumbência de cuidar dos animais, amarrar e ferrar os bezerros, curar suas feridas e bicheiras, além de livrá-los das adversidades da vegetação e flora da caatinga. Para cumprir suas tarefas, o sertanejo fica noites sem dormir. Acompanham os bois no deslocamento de uma fazenda à outra, em jornadas de várias léguas. “Guiam-se indo uns adiante cantando, para serem desta sorte seguidos do gado, e outros vêm atrás das reses, tangendo-as, e tendo cuidado que não saiam do caminho e se amontoem” (ANTONIL, 2007, p.297). Os animais dos coronéis nordestinos sempre foram criados soltos. Para prender e juntar esses animais e a

habilidade e coragem dos vaqueiros eram indispensáveis. Os vaqueiros foram os grandes desbravadores do sertão nordestino, abriram as estradas e desbravaram regiões.

A missão do vaqueiro é passada de pai para filho. O vaqueiro tem orgulho de ter aprendido toda a condição e o respeito ao animal com os seus familiares. Tem como principal atividade viver solto nas caatingas em busca do gado desgarrado do rebanho, não temem o meio, nem a ferocidade dos animais selvagens, os que temem os animais geralmente são mortos pelo bicho. Os animais que os vaqueiros juntam são muito bravos, e esses homens se embrenham na mata cerrada em busca dos bois, fazendo malabarismos para escapar dos arranhões de espinhos e pontas de galhos secos. Desse modo, lançavam e traziam os animais aos pés do coronel. O sertanejo é acostumado com deslocamentos longos e com o despertar nas madrugadas frias das caatingas.

O vaqueiro do sertão é um homem servo e prestativo, audaz e bravo, corajoso, que usa as palavras de forma direta, muito franco com seus ideais, leal a Deus e à natureza, não teme a morte e muito menos os inimigos.

Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutáveis mesmos nas maiores crises – quando a roupa de couro do vaqueiro se faz armadura flexível do jagunço – oriunda de elementos convergentes de todos os pontos [...] (CUNHA, 2010, p. 105).

O temperamento do vaqueiro é calmo e comedido, leva a vida solitária, ao lado dos animais, com o cavalo de campo, seu grande companheiro nas diversas horas de sofrimento, além de ser seu transporte e seu amigo em meio a esterilidade da caatinga.

É preciso um bom cavalo e um cavaleiro corajoso para alcançar um rebanho amedontrado em qualquer terreno; mas nenhum cavaleiro no mundo pode sair-se bem contra o vaqueiro do sertão vestido de armadura de couro e no terreno que ele conhece (GRAHAM, 2002, p. 51).

Os vaqueiros vestem suas indumentárias próprias, feitas de couro de animais por eles mesmos, como a vida do sertanejo suas roupas também são monótonas, geralmente são os mesmos acessórios e compostos de única cor *avermelhada*, que o protege e faz parte de sua defesa. “Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo Sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias” (CUNHA, 2010, p. 123).

Andam em cima de lombos dos cavalos, com perneira, gibão, chapéu de couro, botas e calças rasgadas por permitir maiores movimentos e pela aridez da mata, com barba cumprida e um humor sempre na ponta da língua. Enfim, o vaqueiro constitui a alma das fazendas, dão-lhes responsabilidades do rebanho, é um prestígio social.

A vida do sertanejo se caracteriza pela apatia longa e os extremos os impulsos. Na realização das atividades atribuídas ao vaqueiro, a sua compleição robusta ostenta-se em toda plenitude. O vaqueiro cria-se em condições de intermitência, raro, perturbado, por horas felizes e cruéis, por abastanças e misérias, em meio ao Sol, que se alastra por longas estações. “Ora, nada mais explicável do que este permanente contraste entre extremas manifestações de força e agilidade e longos intervalos de apatia” (CUNHA, 2010, p. 124).

Atravessou a mocidade numa sequência de catástrofes. “Fez-se homem, quase sem ter sido criança” (CUNHA, 2010, p. 122). O seu aspecto recorda características de um guerreiro, sendo forte, esperto, resignado e prático, preparou-se cedo para a luta.

Para o vaqueiro, viver é adaptar-se. Inconstante como a natureza, ele talhou a sua própria imagem: bárbaro, impetuoso e abrupto, mas, terno, sensível e apaixonado, por suas vivências e conseqüências, “Assim todo sertanejo é vaqueiro” (CUNHA, 2010, p. 125). O sertanejo torna-se, pois, plenamente capacitado a alcançar a civilização, através de um processo de luta de raças de modo que a raça sertaneja é a raiz de uma virtual raça histórica brasileira. A civilização do sertão de Canudos é, antes de tudo, uma civilização vaqueira.

É muito natural no Sertão Nordestino os coronéis tomarem terras ou qualquer outro espaço que lhes interesse dos pobres, e quando os legítimos proprietários resistem, mandam seus homens limparem a área, geralmente de maneira primitiva e com violência extrema e, depois, apropriam-se do que é alheio. A violência dos coronéis com os sertanejos sempre seguiu a história do Nordeste, desde o período colonial. Na época da Velha República, até os funcionários da justiça como promotores e juízes cumpriam as ordens dos coronéis e dos chefes políticos que mandavam e desmandavam no povo do sertão. Fato que intimidava a população. E para manter e demonstrar poder diante da sociedade, os fazendeiros tinham ao seu lado homens fortes, corajosos, rudes, cruéis que obedeciam todas as ordens dos seus patrões: o jagunço. Esses homens eram os guarda-costas, pistoleiros, que não livravam nem os familiares, eram subordinados e fiéis aos coronéis.

Jagunço era todo o indivíduo que empunhava uma arma em defesa própria, de seus bens, da sua família, do seu lar, na primeira oportunidade que se lhe oferecia. O jagunço era uma criação dos chefes políticos. Desde a monarquia e depois dela com a República,

veio a ser elemento necessário à garantia daqueles chefes, que então se tornavam mais respeitados pela gentilha e mais desejados pelos governantes (QUEIROZ, 2010, p. 7).

Quando a Guerra de Canudos iniciou, o termo jagunço foi utilizado para nomear todos os seguidores de Antônio Conselheiro, não eram todos adeptos aos ideais do líder messiânico que exerciam as atividades de jagunço. Apesar de o Conselheiro andar no decorrer das lutas na companhia de alguns guarda-costas, fazendo diretamente sua segurança, esses homens estavam na Guerra de Canudos, por terem perdido seus espaços com a Proclamação da República, fato que ocasionou mudanças políticas e, por conseqüências, amoldaram-se ao movimento de Conselheiro e, acreditavam nas pregações e ideais do líder da Guerra. “O personagem Antônio Conselheiro tem como traço distinto a caricatura, representando a sólida antítese da bravura e do heroísmo do jagunço” (DAMASCENO e SAMPAIO, 2005, p. 78).

Muitos criminalizaram os beatos que seguiam Antônio Conselheiro, classificando-os como jagunços e fanáticos, pois eles não desistiam das batalhas na Guerra de Canudos, resistiram contra o governo até a quarta tentativa, em condições físicas, psicológicas e de armamento inferiores.

O jagunço, não. Recua. Mas no recuar é mais temeroso ainda. É um negacear demoníaco. O adversário tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguível, oculto no sombreamento das tocaias” (CUNHA, 2010, p. 125).

Os jagunços são aguerridos, responsáveis, andavam sempre com arma de fogo, e com punhal de aço pronto para lutar em qualquer situação. “[...] jagunço era um homem valente, que alugava sua coragem a um grande chefe, na defesa de suas propriedades e nas lutas pelo poder entre membros da classe dominante” (MOTTA, 2005, p. 267).

Geralmente os jagunços eram usados nos locais de zona rural, onde as pessoas são mal informadas e não possuíam perspectiva de vida, nem avanços na economia, na moradia e no trabalho, enfim nas baixas camadas sociais, assim o trabalho do jagunço era mais satisfatório, a população era indefesa e fácil de dominar, irradiar o sistema de poder da classe alta. “Situa no rural, no interior do país, à prática do uso do jagunço para manutenção de ordem do sistema político e econômico” (MOTTA, 2005, p. 267). Esses homens contribuíam para o alastramento da ordem social desigualitária e hierarquizada, usavam sempre a selvageria com os sujeitos ousados que não obedeciam às ordens dos poderosos. “Não esperdiça mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do

resultado. Calcula friamente o pugilato. Ao *riscar a faca* não dá um golpe em falso” (CUNHA, 2010, p. 125).

Os jagunços também exercem as funções de trabalhadores rurais, cuidando da agricultura, e como os vaqueiros cuidam dos animais, porém são homens de confiança das famílias dos coronéis, por isso, permanecem no dia-a-dia ao lado do patrão.

Assim como os vaqueiros, o jagunço é um homem da natureza, em que muitos escritores descrevem como bandidos e outros como fanáticos. “Para o jagunço, não se trata de conhecer a natureza para dominar, mas conhecer para conviver com ela” (ABDALA e ALEXANDRE, 1997, p. 121). O jagunço, assim como todo sertanejo se vê como parte da natureza, ele constrói mecanismos e sobrevivência, harmonizando no dia-a-dia, sua relação com o meio ambiente.

Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, deserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as *disparadas*, domando distâncias nas pastagens planas, tendo os ombros, palpitando aos ventos [...] (CUNHA, 2010, p. 121).

É muito comum a descrição de personagens exercendo as atividades de Jagunço, em obras literárias. Assim como Cunha, Guimarães Rosa, em sua obra *Grande Sertão: Veredas*, também descreve o personagem Riobaldo desenvolvendo as atividades de jagunço. Os jagunços eram homens que integravam um bando, era um homem provisório. Cunha o descreve como um tipo humano. “Personagem principal, o jagunço é herói da narrativa, “recebe a tinta emocional mais viva e mais marcada” (BRAIT *apud* DAMASCENO; SAMPAIO, 2005, p. 78).

Esses sertanejos são parte essencial das famílias dominantes, a quantidade deles nas fazendas à disposição dos coronéis era símbolo de poder e status, em todas as áreas, sejam econômica, política e/ou social. Como forma de gratidão pelo trabalho, comida, moradia e confiança, o jagunço oferece ao seu empregador, o voto e toda sua lealdade, colocando se preciso, sua vida em risco para demonstrar sua capacidade e fidelidade.

Diferente da descrição que Cunha faz do vaqueiro, quando o autor descreve o jagunço ele demonstra alguns traços distintos, que o distingue do campeiro:

O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro. Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for (CUNHA, 2010, p. 125).

Mas apesar de algumas diferenças no comportamento entre o vaqueiro e o jagunço, esse é derivado do vaqueiro. “[...] e da envergadura atlética do vaqueiro surgira, destemeroso; o jagunço (CUNHA, 2010, p. 221).

O jagunço é o vaqueiro com sua violência desabrochada, cometia crimes, e buscava amparo nos chefes políticos e nos fazendeiros, que o protegia da justiça, porém, em troca passavam a prestar serviços de vaqueiros e, por serem impetuosos, constitui-se como jagunço. Assim nasce o jagunço. “Imaginemos que dentro do arcabouço titânico do vaqueiro estale, de súbito, a vibratilidade incomparável do bandeirante. Teremos o jagunço” (CUNHA, 2010, p. 221).

Na verdade, nem todo jagunço é vaqueiro ou vice-versa. Entretanto, a origem do jagunço está ligada à sociedade dos vaqueiros. Então, quem é o vaqueiro sertanejo? É um homem do campo, de caráter nobre, simples, crédulo, valente e destemido, não violento, leal e trabalhador, que empresta suas características iniciais para a formação do jagunço. O vaqueiro não é cruel, mas generoso, de uma bondade prudente, comedida; porque, em havendo risco para si e/ou para o rebanho, é levado a reagir de forma corajosa. Tal como o jagunço nas circunstâncias da vida sertaneja. “Jagunço todo mundo é, pois no sertão os covardes nascem mortos” (LINS *apud* CAVALCANTE, 2020, p. 107). Para viver no Sertão, todos necessitam ter algumas características de jagunço, forte, persistente, teimoso e confiante, pois o meio, a opressão, as contingências sociais, históricas e culturais levam-no a assumir uma firmeza de caráter que somente o sertanejo é capaz de possuir. Enfim, jagunço emana do vaqueiro, ambos são homens sertanejos que se assemelham em muitos aspectos, porém são pessoas distintas que possuem comportamentos diferente diante das adversidades do Sertão Nordestino.

3.3 Ser(tão) bravo: guerreiro em Canudos: a relação entre homens em estágio de guerra

Na veracidade histórica, a Guerra de Canudos começa em novembro de 1896 e termina no início novembro de 1897. Movimento que se deu através da disputa entre o Exército Brasileiro e o povo de um vilarejo do interior da Bahia, denominado Canudos. O movimento tinha Antônio Conselheiro com líder. Acreditando na salvação do Povo do Sertão, dos flagelos do clima e da exclusão econômica e social. Milhares de sertanejos e ex-escravos juntaram-se ao messiânico, para as lutas ferinas, contra a República. E com resistência que assombrou a nação, os nordestinos derrotaram três expedições militares. Apenas na quarta tentativa, depois de muitas lutas, e vários soldados mortos, o exército vence Canudos, matando a tiros e degolando os sertanejos e, por fim, incendiaram todas as casas do Arraial.

Nenhum outro episódio ocorrido no Brasil como, a Inconfidência mineira, a Revolta dos Cabanos, a Revolução Farroupilha etc, tiveram tamanha dimensão bélica no cenário nacional. Nunca antes um movimento tinha gerado uma obra épica e literária na grandeza de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Os sertanejos acreditavam em Antônio Conselheiro, ele despertava no povo a esperança e mais, a confiança, a generosidade, a bondade, a solidariedade, além de fazer-lhes acreditar que teriam condições de lutar contra a opressão republicana de uma organização social injusta, e assim a cada dia formava vários conselheiristas que, unidos, mexiam em diversas atividades e, formavam o sertão. Região que, apesar das adversidades, causa lembranças saudosas em quem um dia viveu por lá. Desse modo:

Recordações, moço? Grande era o canudos de meu tempo. Quem tinha roça tratava de roça, na beira do rio. Quem tinha gado tratava de gado. Quem tinha mulher e filhos tratava de mulher e dos filhos. Quem gostava de rezar ia rezar. De tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo Peregrino (MACEDO, 1983, p. 67).

Os nordestinos tinham com Antônio Conselheiro uma relação de fraternidade. Um homem que se identificava com povo, falava na língua do povo, dizia o que o povo queria e precisava ouvir, dentro de sua consciência possível, para exceder o caos em seu tempo, até onde chegava sua influência. Passou a ser odiado pelos coronéis das redondezas que com a mão-de-obra barata, os sertanejos, evidentemente, preferiam ir para Canudos com toda a beleza poética e profética a, trabalhar para outros em condições insatisfatórias.

Os sertanejos seguiam Antônio Conselheiro em todas as atividades, sem rezingar. Além das lutas, as rezas eram um dos momentos principais da lida sertaneja. Nas rezas, o líder aparecia vestido em longa camisa azul, desgracioso, imóvel e mudo, diante da multidão silenciosa. E pregava para os fieis. As pessoas iam ao encontro do chefe, em busca de um milagre, da cura imediata para diversas enfermidades, eram cegos, paráliticos, em busca da saúde.

Os homens que constituíram a guerra de Canudos eram de diversas etnias; com a fama do messiânico, naquela época, havia diversas romarias de gente de toda parte, indo para Canudos e região contribuir com os ideais de Antônio Conselheiro. Quando chegaram, formaram o vilarejo e, em todos os lugares, construíram igrejas para desenvolver os aforismos de seu líder.

Antônio Conselheiro há vinte e dous anos, desde de 1874, era famoso em todo o interior do Norte e mesmo nas cidades do litoral até onde chegavam, [...]; dia a dia ampliara o domínio sobre as gentes sertanejas; vinha de uma peregrinação incomparável, de um quarto de século, por todos os recantos do sertão, onde deixara como enormes marcos, demarcando – lhe a passagem, as torres de dezenas de igrejas” (CUNHA, 2010, p. 227).

Todos os homens que habitavam a região estavam sob domínio de Canudos e eram adeptos a Antônio Conselheiro. Eles se relacionam com afeição, eram acolhedores, todos que chegavam para participarem da Guerra, eram bem recebidos e, logo se familiarizavam com a região, tornando-se seguidores do Bom Jesus Conselheiro⁶. Até que veio a primeira expedição Militar contra Canudos.

Quando a primeira expedição chegou a Monte Santo, muitos emissários de Antônio Conselheiro foram disfarçadamente ver o que acontecia no local, com intuito de examinar os seus inimigos e suas armas, e desapareciam rapidamente. Na Guerra havia muitas histórias e conversas mal contadas entre os sertanejos, assim como entre os soldados, ambos criavam fatos irreais para tentar confundir seu oponente. “Além disto, de envolta num sussurrar de cautelosas denúncias e mal boquejados avisos, esboçava-se a hipótese de uma traição” (CUNHA, 2010, p. 257). Tanto o Exército, quanto Antônio Conselheiro mandavam pessoas infiltrar-se no grupo alheio, para conhecer as estratégias do outro e ganhar tempo, espaço e, enfim a guerra. Mas os sertanejos eram ainda mais astuciosos, não temiam hora alguma os soldados, pois confiavam em seus atributos. “Desarmava-se à medida que se aproximava do inimigo. Afrontava-se com o desconhecido, ao acaso, tendo o amparo único da fragilidade da nossa bravura impulsiva” (CUNHA, 2010, p. 258). Em cada batalha vencida os nordestinos se uniam, tornavam-se mais crentes em si próprios tornavam-se irônicos e atrevidos. Após vencer a primeira expedição deram vivas a Antônio Conselheiro com uma linguagem solta, menosprezando os soldados, desafiaram e afrontando o governo. “Avança! *Fraqueza* do governo!” (CUNHA, 2010, p. 266).

Na preparação para as lutas os sertanejos dispensavam qualquer técnica ou ciência. Para eles a natureza lhes oferecia os atributos necessários para a emboscada perfeita, na espera dos soldados e na certeza de vencer as batalhas. Assim:

⁶ O líder da Guerra de Canudos, **Antonio Vicente Mendes Maciel** era tratado por diversos epítetos no sertão, como: *Antônio Conselheiro, Antônio dos Mares, Bom Jesus Conselheiro, Peregrino, Messiânico* e até para alguns poucos *Antônio Aparecido*.

É que os rebeldes dispensavam quaisquer ensinamentos para estes preparativos. A terra era um admirável modelo: serrote empinando-se em redutos, rios escavando-se em passagens cobertas e fossos; e, por toda a parte, as caatingas trançadas em abatizes naturais. Escolhiam os arbustos mais alto e frondentes. Traçavam-lhes jeitosamente os galhos inferiores, sem lhes desfazer a fronde, de modo a se formar, dous metros sobre o chão, pequeno jirau suspenso, capaz de suportar comodamente um ou dous atiradores invisíveis, ocultos na folhagem. (CUNHA, 2010, p. 300).

Nos combates, os jagunços ficavam na tocaia e despontavam inesperadamente da afonia da terra, eram tantos homens que pareciam uma procissão de penitência. Principalmente nos momentos de lutas, eles eram unidos, não faltavam sertanejos para fazer qualquer serviço. “Logo ao apontar da manhã distribuía-se os trabalhos. Não faltavam braços; havia-os até de sobra. Destacavam-se piquetes vigilantes, de vinte homens cada um, ao mando de cabecilha de confiança, para vários pontos de acesso” (CUNHA, 2010, p. 298).

Esses homens não possuíam aparência de guerreiros, carregavam armas de baixo calibre, que surpreendia os soldados com a fragilidade das mesmas, junto a cruz, rosários e iam para os combates rezando e cantando, como se estivessem indo para um momento de devoção.

As armas dos jagunços eram ridículas. Como despojo, os soldados encontraram uma espingarda *pica-pau*, leve e de cano finíssimo, sobre a barranca. Estava carregada. O coronel César, mesmo a cavalo, disparou para o ar. Um insignificante, de matar passarinho. – “Esta gente está desarmada...” disse tranquilamente (CUNHA, 2010, p. 315).

Fato que entusiasmou os soldados a seguirem em frente, acreditando que pelo fato das armas dos jagunços serem ruins, seria fácil vencê-los, diferentemente dos soldados que iam para as lutas fortemente armados. Os resultados das primeiras batalhas, porém foram contraditórios, morriam mais soldados do que sertanejos. “Realizara-se travessia; e, tirante o dispêndio de munições, eram poucas as perdas – quatro mortos e vinte e tantos feridos. Em troca os sertanejos deixavam cento e quinze cadáveres, contados rigorosamente” (CUNHA, 2010, p. 269). Os sertanejos se respeitavam até depois da morte, quando possível, assim que encontrasse algum corpo dos seus companheiros, sepultavam-os, pois acreditavam que aquele ritual era uma forma de dar aos coniventes uma morte digna.

Os sertanejos sabiam que a Guerra seria violenta, e, acreditavam em suas potencialidades, eram confiantes na vitória, apesar de todos que estavam longe da Guerra, conhecer a força e persistência do exército brasileiro. “O Peregrino era boa paz. Nunca

creditou que os soldados do governo viessem matar os homens e esbandalhar as mulheres. Muita gente dizia, mas ele teimava em não acreditar. Era pacífico” (MACEDO, 1983, p. 68). Os sertanejos eram tão seguros de si e valentes que evitavam ter vantagens sobre o exército. “Evitando as vantagens de uma arrancadura noturna, os sertanejos chegavam com o dia e anunciavam-se de longe. Despertavam os adversários para a luta” (CUNHA, 2010, p. 233). Os sertanejos zombavam dos soldados, desdenhavam. “E o sertanejo não apressava o andar. Parava às vezes. Via-se o vulto impassível aprumar-se ao longe considerando a força por instantes, e prosseguir depois, tranquilamente. Era um desafio irritante” (CUNHA, 2010, p. 321).

Os campestres agrediam, matavam seus inimigos e após a luta vencida, recolhiam todos os objetos, principalmente as armas, as munições e tudo que servisse para lhes proteger em outra eventual batalha. Após diversas lutas, e recolherem muitas armas, os sertanejos não eram mais despreparados. “Agitaram-se idéias alarmantes: os sertanejos não eram “um bando de carolas fanáticos”; eram um “exército instruído, disciplinado” – admiravelmente armados de carabinas Mauser, tendo ademais artilharia, que manejavam com firmeza” (CUNHA, 2010, p. 352).

Com o passar do tempo, após três expedições, todos acreditavam, inclusive os nordestinos que a força do governo, depois de tanta derrota se tonaria a derrota do governo. Na quarta expedição houve uma grande comoção nacional.

E a guerra de Canudos era, por bem dizer, sintomática apenas. O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. rompia nas capitais do litoral. o homem do sertão, encourado e bruto, tinha parceiros porventuras mais perigosos (CUNHA, 2010, p. 349).

Na verdade, se interrogada a história, o mal de Canudos vinha de longe. Vinha da corte do Rio de Janeiro, depois Capital da República. Sempre omissa, injusta, indiferente, alheia ao abandono absoluto dos patrícios do sertão. Portanto, os inimigos mais perigosos da Brasil, não estavam em Canudos, mas no Rio de Janeiro.

Mas apesar de tanta dificuldade, os sertanejos tinham ânimo nos piores momentos. “Nada prenunciava desânimos entre os jagunços” (CUNHA, 2010, p. 329). Os sertanejos eram sábios, sabiam a hora de recuar quando necessário, não por medo, mas para se prepararem e voltar ainda mais forte.

Os sertanejos mesmo em meio a tanto perigo saíam pelos pastos à procura de comida para o sustento de todos, principalmente dos feridos. Pois além de tantas lutas só lhes

restavam farinha e sal. “A partir de 2 de julho só houve gêneros – farinha e sal, nada mais – para os doentes. As caçadas faziam-se, pois, obrigatoriamente, a despeito dos maiores riscos” (CUNHA, 2010, p. 418).

O sertanejo descrito por Euclides da Cunha é um personagem coletiva, que para enfrentar a aridez do sertão, reúne-se aos outros indivíduos como ele, e juntos em torno da fé e da sobrevivência criam um enorme laço, quebrado só após serem vencidos no último combate da guerra. A relação deles era de respeito, mesmo na guerra não deixavam de rezar, rito que aproximava-os. É um momento de atenção e de ouvir o seu líder maior. É se não fosse o desfecho da guerra de Canudos, esse ritual tinha permanecido por anos, já que, os sertanejos que conviveram com o messiânico, relembram dele com nostalgia. Desse modo, “Se não houvesse matado o Peregrino ainda hoje eu estava em Canudos...” (MACEDO, 1983, p.70). Os homens sertanejos eram solidários uns com os outros, apesar da valentia nas batalhas com seus inimigos.

Em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, não há nenhum registro de que os sertanejos trabalhassem, rezassem, comessem ou até mesmo lutassem sozinhos, geralmente, estavam em bando, principalmente durante a guerra. Desse modo, o autor, descreve com admiração os sertanejos e a maneira que eles enfrentam os flagelos do sertão. O entusiasmo dele pelo jagunço se alimenta pelo fato de enxergar no sertanejo aquilo que mais faltava aos brasileiros urbanos, do centro do país: amor à terra, apego ao seu quinhão de origem, bravura na luta e conformidade social para todos os sertanejos.

AINDA SEM IMAGEM DEFINIDA: AS LEITURAS INCONCLUSAS DO HOMEM DO SERTÃO

O livro nos toma, então, o Fôlego e não mais queremos abandoná-lo. (BRASILEIRO, 2008, p. 36)

A compreensão do conteúdo literário e, mais especificamente, dos temas relacionados ao homem e à terra em *Os Sertões* é fruto de um árduo processo de construção, e o seu estudo torna-se base de uma perspectiva histórica, contextualizada no tempo e no espaço, contribuindo para o entendimento de como se constrói a sociedade no final do século

XIX. O país estava em meio a revoltas, ocorridas nos primeiros tempos da república, e Euclides da Cunha mostra o descaso dos governantes com relação aos grandes problemas sociais do Brasil.

Ao descrever o homem em *Os Sertões*, Euclides da Cunha trabalha-o como um herói às avessas, para chamar a atenção do país para aquela região tão árida e abandonada em que se encontra o homem da terra capaz de resistir a tudo e a todos.

Na obra *Os Sertões*, o autor Euclides da Cunha apresenta o sertanejo como um ente humano que se confunde com o próprio meio em que vive e trabalha. “Forte”, no sentido estrito do termo, o homem do sertão é persistente, corajoso, valente, bravo, heróico. Essas características favorecem sua vivência, na exaustiva e dificultosa travessia pela caatinga de Canudos. A caatinga tem o papel de afagar o homem, porém, na medida em que entrelaça, tranquiliza e favorece também agride e estonteia, diante das dificuldades existentes, e pela desoladora travessia de léguas e léguas, que lembra um bracejar imenso de tortura em meio à flora agonizante.

A coragem e a destreza do sertanejo, assim como a hombridade são elementos essenciais que norteiam a obra *Os sertões* de Euclides da Cunha. Estas características são citadas pelo autor, quando no cotidiano, colocam sua vida em risco para se defender, e defender seu povo, seu meios, seus ideais, enfim, para seguir seu líder maior Antônio Conselheiro.

No entanto, muito das simbologias que marcam as atividades do sertanejo surgem através dos subsídios da própria necessidade de auto-afirmação e valorização de sua cultura, frente aos desafios enfrentados.

O temperamento do sertanejo é argumentado como calmo e comedido, desse modo, é possível apreender que a vida solitária lhe propiciou olhos e ouvidos apurados e facilidade em viver a realidade do seu mundo em diante de tantos desafios. Dentro deste universo sertanejo, a religiosidade e as superstições imprimem-se a cultura dessas regiões.

É impossível concluir uma leitura sobre Canudos. Dificilmente se chega a um final. Foi realizada uma leitura possível do Sertão de Canudos com ênfase na Guerra histórica. Pelas leituras é possível considerar o homem do século XIX como um grande desafio estético em plena harmonia com o meio.

Para finalizar o homem sertanejo é a expressão concreta de um meio característico que o impulsiona à resistência sempre. Portanto, é no espaço da caatinga, aparentemente hostil à vida humana que o sertanejo encontra energias possantes para resistir. Não é fácil explicar, por exemplo, como em um meio tão árido, agreste, grotesco e áspero, manifesta no

vaqueiro tanta força e tamanha coragem no enfrentamento das adversidades do seu cotidiano. Daí se conclui que esse titã encourado tem no espaço da caatinga o estímulo de uma coparte acolhedora.. Há uma relação mítica quase incompreensível, entre o vaqueiro do Sertão de Canudos e a natureza que acolhe e ampara. Dessa forma, a caatinga está para o sertanejo assim como o oceano está para o navio. Com diferença de que o sertanejo pode navegar sobre o ondear sublime das matas de caatinga, sem jamais correr o risco de naufragar.

Na verdade o grande exército imbatível de Antônio Conselheiro foi a natureza, o meio, a caatinga. Nesse sentido pode-se afirmar que o homem foi a arma utilizada pela meio para enfrentar as forças militares do governo da República. Por isso, é que Canudos não se rendeu, porque o sertanejo e a caatinga não se renderão jamais, nem à estiagem, nem ao flagelo, nem aos preconceitos, nem ao ódio, nem às intempéries impostas pelo governo

A Guerra de Canudos foi para o homem o principal libelo de denúncia das atrocidades hediondas que a sociedade dominante impõe ao universo catingueiro, mas, também foi o anúncio de uma grande civilização humana que persisti em resistir, no decorrer das dificuldades e dos anos, afirmando todos os dias sua força e coragem.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Benjamin. ALEXANDRE, Izabel M. M. (Org.). **Canudos: palavras de Deus, sonho de Terra**. São Paulo: Boitempo, 1997.

AGUIAR, Durval Vieira de. **Descrições práticas da província da Bahia**: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações. 2. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.

ALAMBERT, Francisco. Literatura e política no Visconde de Taunay. *In*: ALMEIDA, Angela Mendes de. ZILLY, Berthold. LIMA, Eli Napoleão de. (Org.). **De sertões e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001. p. 216-241.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Nordestino, uma invenção da fala, uma história do gênero masculino**. Maceió: Catavento, 2003.

- ALMEIDA, Ângela Mendes de. ZILLY, Berthold. LIMA, Eli Napoleão de (Org.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: Faperj Mauad, 2001.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. SILVA, Amaro Hélio Leite da. (Org.). **Índios do Nordeste: etnia, política e história**. Maceió: EDUFAL, 2008.
- ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. São Paulo: Edusp, 2007.
- AQUINO, Rubem Santos Leão de. **Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ARAS, José. **No sertão de Conselheiro**. Salvador: Contexto e arte, 2003.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A derradeira gesta: lampião e nazarenos guerreando no sertão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- _____, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Literatura e memória - o sertão de Ulysses Lins de Albuquerque. *In*: ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de. (Org.). **De sertões e espaços incivilizados** Rio de Janeiro: MAUAD, 2001.
- BEJAMIM, Abdala Junior. ALEXANDRE, Isabel M M. (Org.). **Canudos: Palavra de Deus sonho de terra**. São Paulo: SENAC, 1997.
- BERNUCCI, **Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo, Edusp, 2008.
- _____, Leopoldo M. **A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha**. São Paulo: Edusp, 1995.
- _____, Leopoldo M. **Discurso, ciência e controvérsias em Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- BETTIOL, Maria Regina Barcelos. HOHLFELDT, Antonio (Org.). **Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: o diário de um povo esquecido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros**. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989.
- BORGES, Patrícia Cardoso. A interpretação d'Os sertões, ontem e hoje. *In*. NASCIMENTO, José Leonardo do. (Org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: UNESP, 2006.
- BOSI, Alfredo. **A literatura brasileira: o pré-modernismo**. 5. ed. Cultrix, s/d.
- _____, Alfredo. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: 34, 2003.
- _____, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo, Companhias da Letras, 2002.
- BRAIT, Beth. (Org.). **O sertão e os sertões**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- BRASILEIRO, Antonio. **A estética da sinceridade & outros ensaios**. 2. ed. Feira de Santana: UEFS, 2008.
- _____, Antônio. Euclides e a criação da realidade / os sertões. *In*: Légua e meia: Revista de Literatura e diversidade cultural. UEFS. Feira de Santana, nº 1, 2001-2, p. 174-182.
- CADERMARTORI, Ligia. **Períodos literários**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002.

- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura brasileira: origens e Unidade**. São Paulo: Edusp, 1999.
- CAVALCANTE, Peregrina Fátima Capelo. **Matadores de gente: como se faz um pistoleiro**. São Paulo: Annablume, 2002.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global editora, 2004.
- CUNHA, Euclides. **Diário de uma expedição**. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____, Euclides. **Os Sertões**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- DAMASCENO, Maria Neide. SAMPAIO, Wilson Correia. **Antônio Conselheiro nos Sertões de Euclides da Cunha: em enfoque gramsciano**. Maceio: EDUFAL, 2005.
- DECCA, Edgar Salvadori de. GNERRE, Maria Lucia Abaurre. In. NASCIMENTO, José Leonardo do. (Org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: UNESP, 2006.
- ECO, Humberto. **Apocalípticos e integrados**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- FERNANDES, Rinaldo de. (Org). **O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais – 4ª Expedição**. São Paulo: Ática, 1994.
- GERMANI, Guiomar Inez. **Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu**. 2. ed. Salvador: EDUFBA:ULBRAS, 2003.
- GIL, Gilberto. **Song book**. Rio de Janeiro: Lumiar Discos, 1992. 1 CD.
- GRAHAM, Robert B, Cunninghame. **Um místico brasileiro: vida e milagre de Antônio Conselheiro**. São Paulo: Sá / UNESP, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KOTHE, Flávio R. **O cânone imperial**. Brasília: UNB, 2000.
- LEENHARDT, Jacques. PESAVENTO, Sandra Jotahy. (Org.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.
- LEMOS, Maria Alzira Brum. **O doutor e o jagunço: ciência, mestiçagem e cultura em Os Sertões**. São Paulo: UNIMAR, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LLOSA, Mario Vargas. **A guerra do fim do mundo**. Tradução Paulina Wacht e Airoitman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Temas de pesquisa em educação**. Campinas, São Paulo: UNC, 2003.
- MACEDO, Nertan. **Memorial de Vilanova**. 2. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1983.
- MARQUES, Nonato. **Uma porta para Canudos**. Salvador: Bureau, 1997.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **A guerra total d Canudos**. São Paulo, A girafa, 2007.

- MELO NETO, João Cabral de. **Antologia poética**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- MOISES, Massaud. **História da literatura brasileira**. 5 ed. São Paulo: Cutrix, 2001.
- MONTAIGNE. Dos canibais. In: **Ensaio**. v 1. Tradução. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p.192 – 203.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *et al.* **História: Cultura e sentimentos**. Recife, Cuiabá: UFPE, UFMT, 2008.
- MOTTA, Márcia. (Org.). **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MUNIZ, Edmundo. **Canudos: A luta pela terra**. 9. ed. São Paulo: Global, 2001.
- MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país D'os Sertões**. São Paulo: Annablume, 2007.
- NASCIMENTO, José Leonardo do. (Org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: UNESP, 2006.
- NAXARA, Marcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra - representação do brasileiro 1870/1920**. São Paulo: AnnaBlume, 1998.
- NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira: da carta de caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Leya, 2011.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. (Org.). **Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia**. Salvador: Arcadia. 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2007.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- QUEIROZ, Claudionor de Oliveira. **Palavras e Origens: Considerações Etimológicas**, 2ª. ed. São Paulo, Saraiva, 2010.
- RAMOS, Graciliano. **Vida Seca**. 45. ed. São Paulo: Record, 1980.
- REGO, José Lins do. **Cangaceiros**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- REINALDO, Gabriel. **Uma cantiga de se fechar os olhos: mito e música em Guimarães Rosa**. São Paulo: Annablume, 2005.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2 : de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ROSA, Guimarães. **Grande sertão veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **Dom Quixote de La Mancha**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- SANTOS. José Farias dos. **Luiz Gonzaga: a música como expressão do nordeste**. São Paulo: IBRASA, 2004.
- SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SEEL, Antoine. Por trás das palavras fluxos e ritmos em Os Sertões. In. NASCIMENTO, José Leonardo do. (Org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: UNESP, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Rogério Souza. **Antônio Conselheiro**: a fronteira entre a civilização e a barbárie. São Paulo: Annablume, 2001.

STORNIOLO, Ivo. BALANCIN, Euclides Martins. (Trad.). **A Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

VENTURA, Roberto. **Retratos interrompidos da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLA, Marco Antônio (Org.). **Canudos, história em versos**. São Paulo: Hedra, 2002.

VILLA, Marcos Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de Os sertões. *In*. NASCIMENTO, José Leonardo do. (Org.). **Os sertões de Euclides da Cunha**: releituras e diálogos. São Paulo: UNESP, 2006.